

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
 Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
 ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
 Redacção, composição e Impressão
 RUA LUZ SORIANO, 44
 TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

AS COMEMORAÇÕES DO 28 DE MAIO

Uma brilhante revista de tropas na Avenida da Liberdade

Oito mil homens desfilaram perante o Chefe do Estado por entre grandes manifestações de entusiasmo popular

Não vale a pena recorrer ás grandes imagens para se falar da mocidade, visto que ela por si só possui o encanto que a torna incomparável entre os frutos da vida. Nós vimos dum tempo em que os velhos mandavam com a sua sabedoria, a sua experiencia e o seu alto bom senso.

Os velhos acreditam tanto em si que se esqueceram de que eles não eram tudo, pois havia mais alguém a quem deviam o exemplo dos seus feitos, a exaltação dos belos pensamentos e a firmeza da sua attitude na defesa da honra e do dever.

Ao findar a grande guerra, vendo que não tinham sabido exercer o seu magisterio moral, procederam a rigoroso exame de consciencia, a fim de averiguar o volume e a densidade das suas culpas.

Reconheceram prontamente que, embalados nas delicias dum suave determinismo que lhes ensinara a confiar na «marcha das cousas», descurando a educação da sua vontade, entregaram aos fados a manobra da catastrophe.

Assinada a paz, inaugurada a nova época do direito e da justiça, logo se inteiraram de que tinham um enorme problema a resolver:

— Como arrancar ás ruínas e á morte a alma do futuro?

A historia é assás conhecida — os velhos sucumbiram esmagados pela tarefa heroica e inutil de reparar os seus erros. Foi então que, perante a dei da necessidade, por todos os países soou o mesmo grito:

— Venha a juventude para as proações do sacrificio!

Momento dramático esse em que uma geração se inclinou para dar lugar a outra que não dispunha senão da sua boa fé, do seu culto da Patria, do seu entusiasmo e do seu espirito de aventura. Novas idéas prepararam a formação de novos ideais, grandes obrigações ditaram outros mandamentos.

A pouco e pouco, a inexperiencia saiu da sua larva, das incertezas brotaram ensinamentos fecundos, das hesitações a coragem e a confiança. De vez em quando, nós topamos com homens desactualizados que nos perguntam, angustiosamente:

— Sou eu que não entendo o mundo ou o mundo que não me entende a mim?

Uma e outra cousa, pois, nos períodos de renovação e transição, o passado, o presente e o futuro perdem geralmente o contacto e a compreensão mutua. Assim é que,

às vezes, na mesma familia, se começa a separação das tribus. Como orientação, a velhice e a mocidade caminham ás avessas. Aquella diz:

— Bons tempos os de outrora.

Esta contrapõe:

— Que lindos dias estão para chegar!

Convém tomar esta distincção somente no seu valor relativo, visto que a velhice e a mocidade podem não coincidir com o numero dos anos. Encaramo-las aqui, no seu sentido symbolico — uma para significar saudade e abdicção, outra para traduzir a ambição de fundar, conquistar e engrandecer. Sob este ponto de vista, ha velhos de vinte anos e jovens de setenta.

Mas duma maneira geral, dentro dos horizontes em que os acontecimentos nos collocaram, depois duma estrondosa falencia, estamos assistindo a um formidável exito da mocidade.

O desfile das tropas na Avenida

foi presenciado por milhares de pessoas

A grande revista de tropas que se realizou esta manhã teve uma grande-

za e um brilho muito superiores áquelles a que Lisboa estava acostumada desde ha muitos anos.

Apareceu pela primeira vez algum do novo material recentemente adquirido, especialmente aviões, espingardas e metralhadoras. As tropas, tambem em numero superior ao vulgar — eram hoje cerca de 8.000 homens — desfilaram com grande aprumo e provocaram grandes manifestações por parte da considerável multidão que assistiu á revista.

Muito antes das 10 horas já estavam em parada ao longo das avenidas todas as tropas que deviam tomar na revista militar. O serviço de Policia encontra-se bem montado e o publico acomoda-se sem dificuldades de maior nos recintos reservados. Entre a multidão vêem-se muitos filiados na «Mocidade Portuguesa», que agitam pequenas bandeiras de papel. Nota-se entusiasmo entre a multidão. As massas enormes de gente aumentam a todo o momento. O sr. coronel Cameira, comandante da Policia, com todos os seus officiais, circula pela avenida da Liberdade, observando a organização do serviço.

Cerca das 9 e 25 começam a chegar os generais e os almirantes, alto functionalismo civil e os membros do Corpo Diplomático. O ministro da America é dos primeiros a chegar. Vem com sua esposa e com o capitão de fragata Gade, adido naval. Momentos depois, chegam os ministros da Holanda e da Chi-

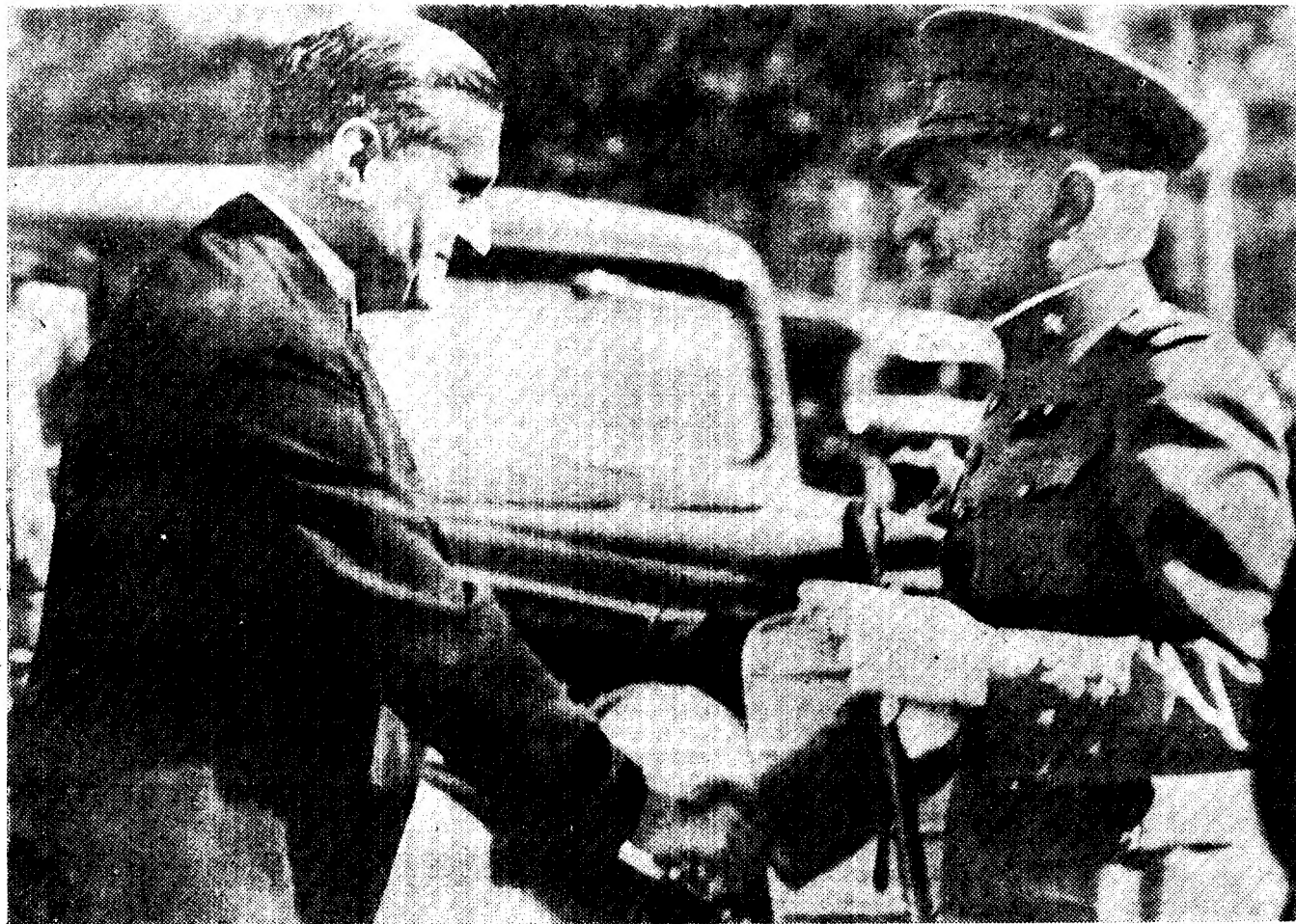
na e, logo a seguir, os embaixadores de Inglaterra e do Brasil e o delegado do nuncio apostolico. Em dois automoveis vêm os membros da missão militar inglesa, envergando os seus vistosos uniformes. Chegam depois mais alguns adidos estrangeiros — o militar polaco e o naval e aeronautico italianos, todos fardados. A ala direita da nova tribuna, cujo efeito é admirável, está reservado para o Corpo Diplomático.

Apeiam-se depois dos seus carros os ministros da França e do Japão e o adido militar francês seguidos, com pequenos intervalos, pelos ministros da Argentina, da Noruega e do Mexico.

O chefe do Estado foi muito aclamado ao chegar á tribuna na avenida

Na ala esquerda da tribuna estão os altos comandos militares: o major general da Armada sr. vice-almirante Mata Oliveira; o antigo ministro da Marinha sr. vice-almirante Magalhães Correia, que é saudado por muitos dos presentes; o vice-almirante Tito de Moraes, inspector de Marinha; os contra-almirantes Baptista de Barros e Cesar Batalha; o comandante das forças navais sr. capitão de mar e guerra Carvalho Crato, etc. Os generais são em numero de duas dezenas. Alguns nomes ao acaso: Lobato Guerra, Pereira dos Santos, Vieira da Rocha, Almeida Santos, Miranda Cabral, Domingos de Oliveira, Joaquim Malheiro, Pires Franco,

(Ver continuação na pagina central)



O affectuoso encontro entre o Chefe do Estado e o presidente do Conselho, esta manhã, em frente da tribuna da Avenida da Liberdade

Tauromaquia

Ontem, no Campo Pequeno

Teve desusada concorrência e animação a corrida que se realizou ontem, á noite, no Campo Pequeno, a favor da assistência social do «terço» de cavalaria e 4.º batalhão da «Legião Portuguesa», e á qual assistiram os srs. ministros da Justiça e da Agricultura. As cores dos vestidos das senhoras, e as fardas dos legionários, deram inedito colorido á praça, cuja iluminação foi aumentada, tornando-se extensiva aos camarotes.

Lidaram-se touros oferecidos pelos srs. Santos Jorge, Pinto Barreiros, Infante da Camara e Vaz Monteiro, em maior numero os do primeiro, que se deixaram tourear, cumprindo também os dos restantes.

O toureiro a cavalo constituiu a base da animada corrida, e provocou entusiasticas manifestações a partir das luzidas cortezias. João Nuncio toureou, como ele sabe, o 1.º e o 5.º touro, cravando excelentes farpas e admiráveis ferros curtos, sendo notável a maneira inteligente como buscou e obrigou o seu segundo inimigo, e merecendo continuas ovações pela sua arte fina de equitador e toureiro.

Também Fernando Salgueiro soube buscar e obrigar o 3.º da tarde, no qual cravou boas ferragens larga e curta, marcando no 7.º, que toureou a duo com Vasco Jardim. Este ultimo cavaleiro, que no 4.º mereceu aplausos, sofreu, especialmente no toureiro a duo, da impaciencia criada pelos admiradores dos dois jovens cavaleiros no sentido de se saber, depressa, qual é o melhor. Repetimos que são ambos muito bons, devendo-lhes bastar por agora, esta consoladora certeza.

Depois da portuguesa sorte de tourear a cavalo, foi o melhor da noite também a portuguesissima sorte de pegar touros. O antigo grupo de forcados de Santarem deu-nos duas rijas pegas de cara pelos irmãos Emidio e Joaquim Aguiar e uma de cernelha por Antonio de Abreu, este com Rodas Sergio, e aqueles ajudados por outros valentes rapazes que também pegaram, como Antonio Santa e Joaquim Abreu, e Fernando de Mascarenhas que, além de pegar, soube com a vara aguentar os mansos, e o bravo.

O «aficionado» y ganadero» espanhol, sr. Juan Gallardo, de La Linea, que disfruta de fama de bom toureiro, não ponde prová-la nem com o capote nem com a «muleta», ainda que merecesse aplausos pela gentileza de vir colaborar na corrida. Mais feliz com o capote, foi o alentejano Julio Procopio, que também bandarilhou ao «quebro», recordando Agostinho Coelho a portuguesa sorte de gaiola.

Dirigiu a animada corrida o sr. conde da Torre, com acerto e energia.

EL TERRIBLE PEREZ

APRENDA A DANÇAR

Das 10 da manhã ás 24. V. Ex.ª tem Lições Práticas, com senhoras, desde 5500. Prof. Machado, R. dos Fanqueiros, 286-1. — Lisboa; ou Porto, R. da Bandeira, 15.

VEN A LISBOA?

assistir ás festas?

Reuna o util ao agradável

Aproveite a ocasião

de visitar a

CASA DA RUSSIA

142 — R. Augusta — 144

que está vendendo tudo com

Grandes Descontos

Compre:

Uma Raposa

Uma mala de viagem

Uma malinha, carteira ou cinto

e verá que adquiriu verdadeiras pechinchas

IMPRESSÕES DUMA VISITA

UM MUSEU OCEANOGRAFICO

Visitámos ha dias em Setúbal um Museu Oceanografico que, pela quantidade de raridade das especies expostas e ainda pela notavel dedicacão não isenta de sacrificios de que se reveste a sua conservacão e continuo desenvolvimento, bem merece que se lhe dediquem algumas linhas que, tendo em vista torná-lo mais conhecido, representem ao mesmo tempo uma justa homenagem ao seu organizador e proprietario.

São duma separata da revista «Brotheria» da autoria do falecido prof. Joaquim da Silva Tavares as passagens que a seguir transcrevemos:

«O alvo que nessa excursão visava era triplo — reconstituir na minha nova colleção cecidológica especies raras que havia perdido em outubro de 1910, estudar os laranjais que são os mais importantes de Portugal e visitar o Museu Oceanografico, organizado pelo sr. Luiz Gonzaga do Nascimento.

«O Museu, esse sobrepujou muito a minha expectativa pela abundancia das especies, algumas raras, e pelo entusiasmo que em mim despertou a obra de um naturalista modesto, o qual, sem ser rico, tem gaso o melhor das suas energias em dragagens no fundo do Oceano em estudos da fauna maritima, e na preparacão de animais marinhos de muito valor científico.

«Que um Museu dessa natureza seja organizado pelo Estado, por um principe, ou por uma Academia ou Sociedade científica, provida de largos recursos, entende-se, e ainda assim admiramos; mas que um homem só, desacompanhado de admiradores e de entusiastas, numa cidade como Setúbal, onde quasi ninguem se importa de ciencia, vá enterrar os seus magros recursos e o fruto das suas economias na formacão de uma biblioteca científica e na organizacão de um Museu Oceanografico, é coisa que eu não acabo de louvar nem de admirar.

Foi nestes mercedos termos que o erudito homem de ciencia se referiu á obra grandiosa do sr. Luiz Gonzaga do Nascimento, modesto setubalense que ao estudo da oceanografia tem dedicado o melhor do seu tempo, das suas energias e das suas economias, obra que no entanto é nessa cidade ainda por muitos desconhecida e até por outros mal compreendida e como tal, despresada.

No entanto esse Museu tem merecido ás mais altas individualidades do nosso país e do estrangeiro, que constantemente o visitam, as mais elogiosas referencias e as mais espontaneas manifestações de admiracão.

O desventurado rei D. Carlos, que ao estudo da oceanografia dedicou um bom quinhão da sua grande actividade e da sua reconhecida cultura, muitas vezes a ele se referiu e o elogiou, tendo também em grande apreço a collaboracão que para esses estudos algumas vezes lhe foi dispensada por aquele modesto naturalista.

E não ha ainda muito tempo que o Museu recebeu também a honrosa visita de suas ex.ªs os srs. Presidente da Republica e ministro da Marinha, que igualmente o admiraram e enalteceram, tendo palavras altamente preciosas para o seu benemerito fundador.

Num tam importante centro de pesca como é Setúbal e, como tal, estreitamente ligado aos graves problemas que com a mesma se prendem, a existencia dum Museu desta natureza e de

tam grande valor científico, impanha-se ser mais conhecida e acarinhada, não só porque nos afirma com rara eloquencia a grande riqueza daquela costa, como também, aliada á valiosissima biblioteca que lhe fica anexa, representa um manancial de ensinamentos e uma fonte inesgotavel de estudos, tanto para a soluçã desses problemas (como o da escassez da sardinha), como para instrucão da mocidade das escolas que, com as suas visitas, muito teriam a lucrar.

Junto ao Museu possui o sr. Gonzaga do Nascimento, como dissemos, uma valiosa biblioteca composta por perto de 10.000 volumes, grande parte dos quais sobre ciencias naturais e entre eles alguns de extrema raridade e onde grande numero de notabilidades científicas do país e do estrangeiro, quer directamente, quer por assidua correspondencia, têm recolhido preciosissimos elementos indispensaveis aos seus estudos.

Mas não se limita só á manutencão e maior desenvolvimento do Museu e da biblioteca a notavel actividade do sr. Luiz Gonzaga do Nascimento.

Alguns trabalhos já publicados e outros em preparacão atestam as raras qualidades de trabalho e competencia do seu autor e justificam plenamente o conceito em que é tido nas principais Academias e Sociedades científicas de muitas das quais é socio, e de onde recebe as mais importantes revistas da especialidade.

Alguns trabalhos já publicados:

«Subsidios para o estudo da fauna carcinológica de Portugal». «Epoas de criaçã e reproducão».

«Subsidios para o estudo dos Crustáceos inferiores de Portugal».

«Casos teratológicos dos fetos de alguns Esquales».

«Medusas pelágicas e batipelágicas de Portugal».

«Plankton oceanografico. alimento da sardinha».

«Alguns crustáceos novos para a fauna de Portugal».

«La pêche de la Sardine dans le Portugal».

«Les migrations de la renite».

Outros trabalhos em preparacão:

«Subsidios para o estudo da fauna ornitológica da Serra da Arrabida».

«O mulato do Vale do Sado e os seus actuais descendentes».

«Subsidios para o estudo da fauna ictiológica de Portugal».

JOAO DA COMPORTA

Retiro da Severa

Rua Antonio Maria Cardoso, 5

Telefone 2 5979 HOJE, ás 21 horas

Rosa Maria, Deonilde Gouveia, Julio Proença, Jaimis Silva.

Sabado, 4 de Junho — Descerramento do retrato da saudosa actriz Julia Mendes.

Organizaçã do artista Daniel Martins. Reservam-se mesas.

A camisa que se impõe

pelos seus lindos padrões e pelo seu fino corte é a que V. Ex.ª pode adquirir nos

ARMAZENS DO ROSSIO

de J. Matos — Rossio, 79, e Rua dos Correios, 329 — Telefone 2 1215

“ANA PAULA”

PERFIL DUMA LISBOETA

romance por Joaquim Paço d'Arcos

O grande acontecimento literario de 1938

ANA PAULA, quem é? E' V. Ex.ª, minha Senhora, são todas as mulheres portuguesas que amaram, que juraram fidelidade e que, por sentirem arrefecer o carinho do marido, sofrem depois o conflito entre a seduçã de um novo amor e a sua dignidade.

Romance de realidade, sem realismos nem escabrosidades, absolutamente moral e que, se não é aconselhavel a meninas de 15 anos, pode ser lido afoitamente por todas as senhoras.

1 vol. de 344 pág., com artistica capa a cores, de Stuart, br. 12\$00. Envia-se contra reembolso para todas as localidades em que haja cobranças postais.

Edicão da PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA-R. Augusta, 44 a 54

REMO

O «Dia do Principiante» e a final do «Torneio de Preparacão»

Ao longo da muralha da Junqueira, realizaram-se hoje varias regatas, organizadas pelo Grupo Desportivo da C. P. Disputaram as provas, que constituiram o «Dia do Principiante», cerca de 20 barcos representando clubes de Lisboa, Barreiro e Setúbal.

Fizeram-se quatro largadas e, na meta, instalada em St.º Amaro, verificaram-se os seguintes resultados:

«In-riggers» de 4, 1.200 metros para disputa da taça «Coíno»: 1.º, Club Naval Setubalense; 2.º, Associação Naval de Lisboa; 3.º, Club Naval de Lisboa.

«Out-riggers» de 4, 1.200 metros para disputa da taça «Tejo»: 1.º Associação Naval de Lisboa-B; 2.º, Associação Naval de Lisboa-A; 3.º, Ferroviarios do Barreiro.

«In-riggers» de 4, «iniciados», 1.200 metros: 1.º, Associação Naval de Lisboa; 2.º, C. U. F.; 3.º, Club Naval de Lisboa; 4.º, Desportivo da C. P.

«Voies de Mer» de 4, 1.200 metros para disputa da taça «Sado»: 1.º, Desportivo da C. P.; 2.º, Club Naval de Lisboa; 3.º, Associação Naval de Lisboa; 4.º, Ferroviarios do Barreiro.

Merece especial referencia a presenca do Grupo Desportivo da C. P. a estas provas, onde marcou uma posição muito interessante. Em 1937, a Associação Naval triunfou em todas as provas, excepto na de «iniciados».

* * *

O «Torneio de Preparacão», organizado pelo nosso colega «Os Sports» teve hoje a sua ultima jornada, incluída no programa de o «Dia do Principiante». Disputou-se uma prova de «out-riggers» de 4, 2.000 metros para «juniors», com os seguintes resultados: 1.º, Desportivo da C. P.; 2.º, Associação Naval de Lisboa.

Findas as regatas, procedeu-se á distribuicão de premios aos vencedores, no posto nautico da Associação Naval de Lisboa.

Viajantes

A bordo do paquete «Saturnia» embarcaram hoje para Italia os srs. Roberto Chartel, consul daquele país em Lisboa, os professores Giovanni Lorenzoni e M. Ferdinando e os artistas da Companhia de Opera que esteve no Politeama e que hoje regressara do Porto.

No paquete «Highland Chieftain», que hoje passou pelo Tejo, seguiu para Londres a sr.ª de Selby, mãe do sr. embaixador de Inglaterra em Lisboa.

Expulsos dos Estados Unidos

Expulsos pelo governo norte-americano, chegaram hoje a Lisboa, a bordo do «Saturnia», os operarios portugueses Luiz Gonçalves Caleira, Antonio Teixeira e João Martins Vilela, que após o seu desembarque foram entregues á Policia Internacional.

CUIDADO COM AS CRIANÇAS

Reinaldo Amorim Figueiredo, de 5 anos, residente na rua dos Quarteis, 28, loja, foi atropelado por um automovel proximo da sua residencia. Ficou internado no hospital de S. José, com uma perna fracturada.



O fado no seu verdadeiro ambiente

Soirée ás 21,30



Com os populares artistas

Maria Emilia Ferreira, Carmen Santos, Lucilia do Carmo, Alfredo Duarte (Marce-neiro), e Jacinto Pereira

Difusores de som montados pela Radio Industrias, Lda.

Edições da «Renascença Grafica»

RUA DA ROSA, 57, 2.º

Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOÃO PAULO FREIRE (Mario) 20\$00

MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO..., por NORBERTO LOPES 10\$00

O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES 8\$00

ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA 10\$00

PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO 10\$00

Pedidos á Administracão do «Diário de Lisboa».

A MULTIPLICAÇÃO DAS FORTUNAS

Acêrca do debate sobre a astrologia de Camões

Quem tenha seguido o debate sobre a astrologia de Camões deve sentir-se um pouco enbarralhado, não só com as palavras abstrusas que vão surgindo, como também com as proporções que vai tomando o Sabat das Fortunas. Sete são elas agora.

O sr. Mario Saa, talvez para arrelhar o sr. dr. Ricardo Jorge, introduzia ultimamente muitos daqueles vocabulos em que os dicionários são omissos, e que, ao contrario de esclarecerem os assuntos, servem para aumentar a confusão dos espiritos, e radicar a idéa de que a astrologia é um complicado delirio. Vamos começar pelas «fortunas» para arrumar as idéas. O sr. Mario Saa diz que sete planetas podem ser fortunas, o que é uma maneira segura de permitir que Saturno seja uma delas. Entendemos, pois, que o sr. Mario Saa sustenta que Saturno é a «fortuna» de Camões.

Porém, aquele senhor saiu-nos com uma historia parabolica, dum inglês que viajava na linha de Cascais, e que não retirava a mala do unico lugar onde poderia sentar-se um passageiro. A cuja mala veio a averiguar-se, depois de grande zaragata, que não pertencia ao dito inglês.

Parece-nos que assim pretende dizer-se que a mala não era dele—Mario Saa—, que foi Camões quem arranhou a equivalencia Fortuna-Saturno.

Assim o inglês da mala, ou o sr. Mario Saa, limita-se a deixar as cousas como as encontrou.

Ora parece que também nós vamos no tal comboio da ciencia, de companhia com a sr.ª D. Augusta Ventura e o sr. dr. Ricardo Jorge, muito honrosa, é certo, e que me seria bem agradável, se não fosse o irmos todos a barafustar contra o inglês e a mala.

Ora desde que viajamos no tal comboio temos que teimar na nossa: de que a mala, ou o embrulho de Saturno-Fortuna, é do sr. Mario Saa, e de mais ninguém. Se não fosse, porque se opõe a que se atire á linha? O embrulho é bem de ver e não o sr. Mario Saa.

Esta idéa de que Fortuna é Saturno na linguagem poetica de Camões, é fundamental na conjectura do sr. Mario Saa.

Dado que se demonstre ser ilógica ou erronea o sistema architectado desmorona-se como castelo de cartas. É fundamental e primordial, é pela tentativa de fazer aceitar esse postulado, em que todo o edificio assenta, que, como era logico e natural, o sr. Mario Saa começa:

Entre os planetas que intervem no nascimento de alguém um deles é o principal determinante e chama-se a «sua Fortuna» ou a «sua Estrela». Ela o governa pela vida fora, e, logo, também se diz a sua governante ou Ama.

E, pouco depois acrescenta:

Saturno regia o conjunto infeliz por se encontrar dentro do signo da sua dignificação maxima, o Aquario. Por ser esse o mais significativo, ou fortificado, do conjunto foi a Estrela do nascimento do Poeta.

Um pouco depois conclui:

A condição primeira para que Saturno fosse Estrela do Nascimento era estar ao tempo nos signos da sua dignificação, maxima, ou seja fortificado, os quais são o Capricornio ou o Aquario, e ainda com menor força na Balança. Estava pois Saturno num destes signos quando o poeta nasceu—o que já limita muito.

Isto parece um circulo vicioso. A tentativa para quebrá-lo todavia existe, quer dizer, procurou-se deduzir dos versos de Camões que Saturno estava fortificado, e só porque de facto essa tentativa foi feita, o erro de raciocinio não é formal, mas é substancial porque, realmente, a fortificação deduz-se da gratuita hipotese sobre a longitude de Saturno, e, esta longitude deduz-se da hipotese não menos gratuita da fortificação.

Nas citações (que omitimos) não ha cousa alguma donde possa concluir-se que Saturno esteja fortificado. Deve, porém, dizer-se (e é talvez onde está a mala que não é do inglês) que mercê duma anfibiaologia aparente, ha três versos, ou melhor dois, donde pode concluir-se que Saturno é a Fortuna.

Os versos são estes:

Se a Fortuna inquieta e mal olhada
Que a justa lei do Céu consigo infama
Se a vida quieta que ela mais desama.

Aqui, com efeito, pode parecer que Fortuna é Saturno, que infama a lei do Céu comendo os filhos. Na terra tal procedimento causaria reparos, e supomos que nem com a lei do malto está conforme, mas se tal figura de crime não está no Código Penal, muito menos está prevista

pelos astrónomos. Continuavam na mesma os astros.

Parece-nos, porém, que o sr. Mario Saa julga que a lei a que o poeta se refere é uma lei moral; que aquela Céu é a mansão dos justos; e que a Fortuna é a infamadora e a lei a infamada. Muito ao contrario, estamos convencidos de que é a lei física do Céu que infama a Fortuna.

Se a Fortuna—Júpiter;
inquieta—peregrino;
mal olhada—recebendo doutros planetas maus aspectos:

que a justa lei do Céu—que a mecânica celeste, a ordem rigorosa que rege os movimentos dos planetas;

Consigo infama—automaticamente tirava a Júpiter-Fortuna a dignidade, ou a dignificação quando Camões nasceu.

Foi destes versos, e só deles (que como se vê comportam um sentido muito diferente do da exegese do sr. Mario Saa) que se tirou a conclusão de que Saturno era a «fortuna», a estrela do nascimento, a «ama» ou a «governante».

Efectivamente os astrólogos consideram, no horoscopo, para efeito de certos ajuizamentos ou predições, especialmente, um planeta a que chamam «senhor do horoscopo» e a que também poderá chamar-se, como diz o sr. Mario Saa, «ama» ou «governante».

Segundo a superstição astrologica cada signo é dominado por um planeta. O «senhor do horoscopo» é o planeta que domina o signo sob o qual a pessoa nasce, isto é: o signo que nesse momento está no horizonte oriental. Assim é apenas este facto que determina o «senhor do horoscopo», a «ama» ou «a governante», ou qualquer outra palavra que exprima cousa semelhante, patrão ou chefe, porém de modo algum a «fortuna», e muito menos se de Saturno se trata.

O planeta assim determinado pode ter qualquer longitude, quer dizer pode encontrar-se seja em que signo fôr, do zodiaco; e estar dignificado ou enfraquecido das inúmeras maneiras que são possíveis. Será sempre o *Senhor do horoscopo* se o signo em que ele domina estiver no ascendente oriental. Como todos os signos passam por esse ponto em 24 horas todos os planetas são senhores do horoscopo durante certo tempo, todos os dias.

Portanto, mesmo que tivéssemos a certeza de que Saturno era o «senhor do horoscopo» («fortuna» como arbitrariamente se quer designar) como isto acontece todos os dias, a horas diferentes conforme a época do ano, a longitude de Saturno, a sua fortificação ou enfraquecimento, só podia concluir-se com aquela logica brejeira com que, da descrição do navio, se tira a idade do capitão.

Ainda que tivéssemos a certeza de que Saturno era o «senhor do horoscopo» de Camões tal facto não limitava o tempo em que o poeta nasceu.

Contudo, nós não podemos afirmar que é por julgar que Saturno é o «senhor do horoscopo» que o sr. Mario Saa sustenta que é a «fortuna» de Camões.

Porque o sr. Mario Saa confunde «senhor do horoscopo» «alumtem» e «estrela do nascimento», ou julga que Saturno é isso tudo ao mesmo tempo. Ora são três cousas bem distintas, se é que a expressão, assás poetica e vaga de estrela do nascimento, quer dizer, como pensamos, senhor da hora.

Porém, mesmo que Saturno fôsse o «senhor do horoscopo», e o senhor da hora (que é outra cousa) e o alumtem (o que é ainda outra cousa, e que é muito duvidoso Saturno poder ser) mesmo assim, sendo simultaneamente tudo isto, chamar-lhe fortuna estava em contradição com toda a tradição astrologica, e, se não quiserem que haja uma logica em tal sistema de preconceitos, pelo menos estava em contradição com a logica do seu vocabulario, porque, esta, existe incontestavelmente.

Também é fantasista a explicação da parte da Fortuna que se opoz á nossa, e que serve ao sr. Mario Saa para dizer que é a Parte da fortuna Lua, e assim legitimar a idéa de que se chama fortuna a Lua como aos outros planetas.

Vamos explicar doutro modo o que vem a ser a Parte da Fortuna e assim arrumar uma oitava fortuna. É a parte ou o sitio em que a Lua estava quando nasceu o Sol no dia em que veio a luz a pessoa a que se refere o horoscopo. (Se quizerem poderá ser essa a posição em que estava a Lua quando foi concebida mas isso será bem difficil de averiguar).

Evidentemente estavam ao nascer do Sol, num sitio qualquer, os outros planetas. Também tem a sua «parte». A de Venus, chama-se a do coração, a de Marte a da espada, a do Mercurio o caduceu, etc.

Pela logica da Fortuna-Lua todos os planetas eram espadas. A parte da espada era a parte da espada Marte, e todos eram corações etc.

Estas «partes» tem uma importancia muito pequena, e difficil será encontrar meia duzia de aforismos sobre elles.

A parte da Lua tem um pouco mais de importancia porém muito menor do que os planetas e de que certos pontos do horoscopo. A sr.ª D. Augusta Ventura pretende que eu me engano sobre a importancia da Parte da Lua, mas é realmente este um ponto muito secundario. Parece-nos que a idéa desta senhora era dizer que a «fortuna» de Camões é a figura de retorica a que se atribue a felicidade ou infelicidade de alguém. Para isto não valia a pena introduzir na discussão a «Parte da Fortuna», que só veio aumentar a confusão. É evidente que na linguagem de Camões «fortuna» muitas vezes nada mais parece do que uma gratuita figura de retorica.

Porém, isto não resolve nada, porque, se usar esta figura é uma maneira comoda e expressiva de falar, tem, contudo, o inconveniente de emprestar certa realidade a essa figura. Quer dizer: entre attribuir um estado, ou um acontecimento a uma entidade chamada Fortuna, por pura figura de retorica, ou maneira de falar, sem investir na afirmação uma attitude de espirito reflectida e profunda, e a attitude que pode parecer contraria, isto é, attribuir a essa figura uma realidade causadora; um poder determi-

nante; pensá-la o agente eficaz do Estado ou do acontecimento que se lhe attribue, não ha uma diferença essencial, nem nitida. Também não ha uma diferença manifesta entre a linguagem da retorica e a do pensamento. O problema renasce da seguinte forma:

Camões pensava uma causa eficaz quando attribuía as suas aflições á inimidade da Fortuna, ou «não pensava nada»? Ha que escolher entre Camões pensando ou limitando-se a usar, por uma especie de retorica as palavras que ouvia, e que já estavam como que magnetizadas de pensamento.

Se em certos pontos das suas poesias nos parece haver a alusão a uma causa eficaz designada pelo nome de fortuna, no que estamos de acôrdo com o sr. Mario Saa divergimos quando se trata de identificar essa causa. Já dissemos de maneira muito sucinta porque pensavamos que era a Júpiter e não a Saturno que se aludia.

Continuamos a pensar isso mesmo depois de verificar que tal hipotese não se conforma com a posição que attribuimos a Júpiter segundo a canção «Nem roxa flor de Abril», e outros trechos.

Com efeito nesta canção cuja intenção astrologica é inequivoca, o sentido dos primeiros versos é de que Saturno está em queda, e júpiter tanto em Ariés, e de que Júpiter está maleficiado no Aquario.

Tal simultaneidade não se verificou de 1500 a 1550, logo não se refere ao horoscopo do poeta. Afastá-la como não sendo da autoria de Camões parece-nos uma maneira facil de resolver a dificuldade, tanto mais que esta canção condiz com passos de outras composições poeticas, onde a intenção astrologica é evidente. Portanto, mesmo pondo de parte esta canção, onde aliás Júpiter é por este nome designado, e admitindo que fortuna, uma vez por outra, na linguagem de Camões, quer referir-se a uma influencia astral deve tratar-se de Júpiter. Era necessario para provar que assim não podia ser, mostrar a ilegitimidade, a impropriedade, ou o contra-senso dessa maneira de falar. É uma questão de vocabulario, e, portanto, em primeiro lugar deviamos recorrer, não a textos forçosamente truncados e onde as palavras podem estar afastadas do sentido que acreditamos, mas ao dicionario, simplesmente. Não conhecemos nenhum em português e só por isso recorremos ao «New Dictionary of Astrology» —by Sepharial—W. Foulsham & Co Ltd, Londres, 1921:

FORTUNES.—Term applied to Jupiter and Venus, the former being called the «Greater Fortune» and the latter the «Lesser Fortune». The luminaries have also been referred to under these names, but only when well aspected by Jupiter or Venus.

Como se vê a legitimidade da designação existe em inglês, e porque o vocabulario da astrologia é logico, embora pelo que ultimamente tem vindo a lume se possa pensar que ali tudo é incoerencia, é óbvio que a tradução seja igualmente aceitavel, logica, propria e legitima.

Com efeito não ha especie alguma de contra-senso no seu uso, e poeticamente tanto como astrologicamente, era uma maneira de falar de Júpiter irrepreensivel, perfeitamente digna de Camões, sob todos os pontos de vista.

No problema de saber se pelas alusões ao seu horoscopo pode descobrir-se a data do nascimento do poeta, problema assás simples, quer se encontre ou não a solução, que todavia ainda não foi encontrada, exertaram-se outros de interesse muito diferente.

Começou-se por objectar que Camões não podia ser astrólogo porque era crente, no que não nos parece haver uma contradição maior do que, por exemplo, em ser racista e catolico.

Se fôsse impossivel conciliar os preconceitos astrologicos com o Dogma, ser catolico e astrologo seria uma attitude intelectual criticavel, um erro, ou o que quizerem, mas de forma alguma uma attitude inconcebivel. Como se trata apenas de saber o que Camões queria dizer, e quando nasceu, e não de canoniza-lo, essa questão não tem importancia alguma para o caso. Evidentemente Camões era crente, e a fé não reconhece o absurdo como um muro, mesmo quando não sabe, ou não quer dizer o «credo quia absurdum».

Em sequencia desta discussão, se é que realmente aqui ha espirito de sequencia, parece que se quer ressuscitar a questão do livre-arbitrio e do determinismo, e, o mais curioso, é que todos os que abordaram este falso-problema, mesmo os catolicos, o põem duma forma onde se reconhece a influencia de J. S. Mill, que imaginavamos morto e enterrado nas ultimas paginas dos «Dados Imediatos da Consciencia».

MANUEL MARIO AUGUSTO

AMADORES FOTOGRAFICOS

Se quereis boas fotos empregai as nossas películas. Revelamos gratuitamente os rolos que nos sejam comprados. Preços: 6 1/2x11, 7\$50; 6x9, 6\$00; 4x6 1/2, 5\$30. Provas: 6x11, \$50; 6x9, \$40; 4x6, \$30. Enviamos encomendas á cobrança.

FOTO ACHILLES Avenida Almirante Reis 1.º andar do n.º 1

Chapeus e Vestidos

ULTIMOS
MODELOS

Casa Olmarti
Sob a direcção de Elisa Martins

Telefone 4 5567

Av. Almirante Reis, 136, 1.º-E.

Lisboa

AS COMEMORAÇÕES DO MOVIMENTO NACIONAL DE 28 DE MAIO

A missa campal em Palhavã revestiu-se de grande imponência

A aviação proporcionou durante o desfile das tropas um espectáculo impressionante

(Continuação da 1.ª pagina)

etc. Estão igualmente presentes diversos brigadeiros e alguns comandantes de unidades, directores gerais de ministerios, etc.

O protocolo é dirigido pelo sr. ministro Vasconcelos Guimarães, coadjuvado pelos seus adjuntos. O sr. tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais tem a seu cargo a parte militar coadjuvado pelo sr. major Luiz Santana.

Chegam, entretanto, os srs. ministros do Interior, da Marinha, das Obras Publicas, das Colonias e da Agricultura, e o sr. sub-secretario de Estado das Corporações.

Os automoveis do Corpo Diplomatico continuam a chegar. Num deles, vem o sr. marquês de Miraflores, encarregado de negocios de Espanha, que representa o sr. D. Nicolau Franco, ausente no seu país. E' a primeira vez, depois do começo da guerra espanhola, que os representantes diplomaticos do generalissimo Franco tomam parte, oficialmente, numa solenidade nacional.

O ministro de Italia, munido de uma maquina de filmar, regista com interesse a chegada do elemento oficial. A sr.ª embaixatriz de Inglaterra defende-se, com uns olhos escuros, da luz fortissima da manhã.

São dez horas. Chega o sr. dr. Oliveira Salazar, presidente do Conselho e ministro das Finanças, da Guerra e dos Negocios Estrangeiros. Ouvem-se novas manifestações e salvas de palmas. O encontro entre os dois presidentes é affectuosissimo. Succedem-se os cumprimentos. Vai começar o desfile. Todos sobem para o corpo central da tribuna onde o chefe do Estado se senta num rico cadeirão forrado a damasco verde, encimado pelo escudo nacional. No mastro de honra sobe o pavilhão presidencial, que fica ladeado pelas bandeiras da Legião e da Mocidade e pelos pavilhões de todos os nossos dominios ultramarinos. O efeito de conjunto da tribuna é excelente e só ha que louvar a Camara Municipal pela decisão tomada de substituir os velhos e improprios palanques por uma tribuna lindissima e condigna para receber os mais altos representantes da nação. O espirito moderno e empreendedor do sr. engenheiro Duarte Pacheco não deve ter sido estranho a esta louvavel iniciativa.

As tropas desfilaram por entre grandes manifestações populares

A's 10 e 5 começa o desfile. Passam primeiramente com suas bandeiras os destacamentos dos estabelecimentos militares de ensino: Colegio Militar,

um batalhão a três companhias; regimento de Artilharia de Costa n.º 1, uma bateria a três divisões; idem n.º 2, um grupo a duas baterias; Grupo de Defesa Submarina da Costa e Grupo de Especialistas, uma bateria a três divisões cada; Companhia de Trem Hippomovel, um grupo a três companhias; regimentos de Sapadores Mineiros, de Telegrafistas e de Sapadores de Caminhos de Ferro, um batalhão cada, respectivamente, a três, duas e três companhias; Escola Pratica da Administração Militar, uma companhia a três pelotões; G. N. R., um batalhão a quatro companhias; Brigada Naval e «Legião Portuguesa».

A «Legião», sempre muito aclamada, fecha a primeira parte da brilhante revista militar. Ha uma clareira. Avancam as tropas motorizadas e montadas, por entre nuvens de poeira e pela ordem seguinte:

Dois carros de assalto do Batalhão de Caçadores 5; Grupo de Artilharia Pesada n.º 1 e Grupo de Artilharia Contra Aeronaves, uma bateria a quatro peças. Tropas a cavalo: Regimento de Artilharia n.º 3, um grupo a três baterias; Grupo de Artilharia Pesada n.º 2, uma bateria a quatro peças; «Legião Portuguesa», um «terço» a três lanças; regimentos de Cavalaria n.ºs 2 e 7, um grupo a quatro esquadrões cada, com

apresentação da nossa aviação militar na revista de tropas que hoje se efectuou.

Em formaturas impecaveis e voando a diversas alturas consoante as categorias dos aparelhos, tomaram parte na festiva comemoração 44 aviões militares em esquadrilhas assim constituídas: aviação de bombardeamento — seis trimotores e seis bimotores (marca alemã); aviação de observação: 12 monomotores (marca inglesa); aviação de escola: 20 monomotores (marca inglesa).

As evoluções foram correctissimas e as mudanças de formatura executadas com uma notavel precisão. O sr. coronel Ribeiro da Fonseca, comandante geral da Aviação Militar, que se encontrava nas tribunas, foi por isso muito larga e justamente felicitado pela apresentação da sua arma.

A missa no acampamento

da «Mocidade Portuguesa»

No II acampamento da «Mocidade Portuguesa», instalado no frondoso parque de Palhavã, foi hoje celebrada uma missa rezada, com a assistência de numerosas entidades oficiais e particulares, de todos os filiados ali acampados, em numero de cinco mil e quinhentos, e de muitas centenas de pessoas das suas familias, entre as quais muitas senhoras.

Pelas 9 horas, chegou ali o sr. arcebispo de Evora, que pouco depois celebrou a missa, acolitado pelos conegos Mendeiros e Silva.

O altar foi erguido ao tópo do acampamento. A' sua volta viam-se dezenas de rapazes e raparigas da «Mocidade Portuguesa» que, com os seus estandartes e guilões, deram realce e colorido á cerimonia.

Os rapazes da «Mocidade Portuguesa», do Porto e das provincias formaram junto ás suas tendas, e os de Lisboa que quiseram ir assistir á missa encontravam-se dispersos proximo do altar.

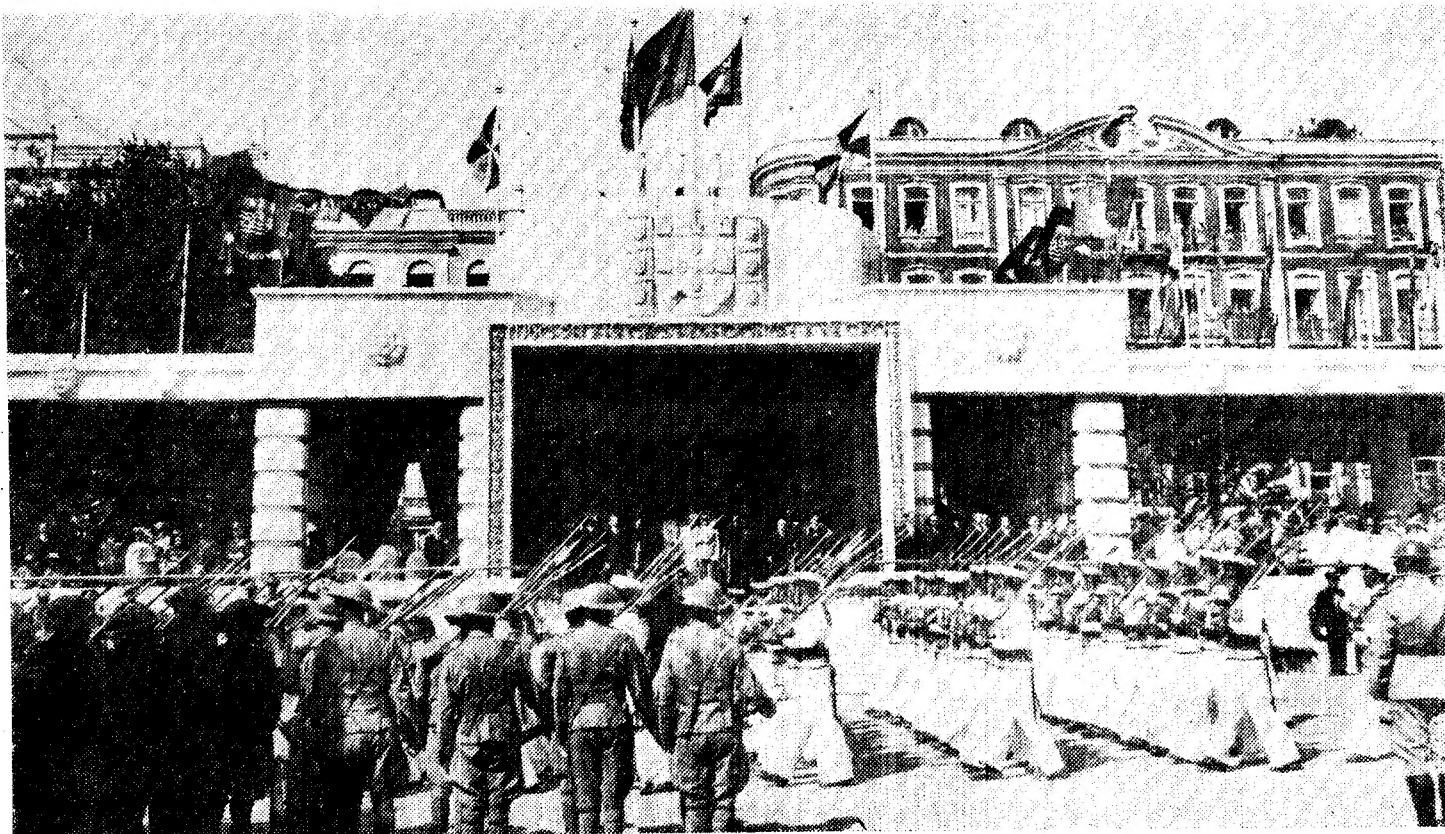
Entre a numerosa assistencia estavam a sr.ª D. Cesaltina Carmona e Costa e sua filhinha Maria do Carmo Carmona e Costa e os srs. dr. Carneiro Pacheco, ministro da Educação Nacional, engenheiro Nobre Guedes commissario geral da «M. P.», general Bernardo do Canto, capitão Preto Chagas, director do acampamento, dr. Durão Ferreira, secretario-inspector da «M. P.», dr. Antonio de Meneses, maestro Herminio do Nascimento, dr. Soares Franco, chefe de gabinete do sr. ministro da Educação Nacional, major Frederico Villar, comandante de «milicia» da «M. P.», tenente Quintino da Costa, director da Escola de graduados, engenheiro Higinio Queiroz, conde de Vilas Boas, todos os delegados provinciais e sub-delegados regionais, etc.

Durante a cerimonia, que foi acompanhada a canticos religiosos pelas filiadas da «Mocidade Portuguesa», um alto-falante, junto do altar, emitia instruções a todo o acampamento. As três bandas de musica da «M. P.» da provincia e a de Lisboa, tocaram ao evangelho.

A' elevação um cornetim tocou a sentida. Todos os filiados se perfilaram então, fazendo a continencia.

Um terno de clarins dos «lusitos» tocou tambem, nesse momento. As bandeiras inclinaram-se e toda a assistencia se ajoelhou.

Depois, abeiraram-se da mesa sagrada o sr. ministro da Educação Nacional e outras entidades officiais presentes, e varios sacerdotes percorre-



O batalhão de Marinha desfilando diante da nova tribuna para as grandes solenidades officiais, em continencia ao sr. Presidente da Republica

Faltam três minutos para as 10 horas. São clarins. Chega o sr. Presidente da Republica, em automovel, com toda a sua Casa Militar. Um grupo de esquadrões de cavalaria da G. N. R., em grande uniforme, dá uma escolta brilhante e vistosa. As bandas militares rompem com a «Portuguesa» e partem da multidão vivas entusiasticos e prolongadas salvas de palmas. Nas tribunas toda a gente está de pé. Os generais e almirantes permanecem hirtos em continencia. O Chefe do Estado é recebido pelos membros do Governo e, acompanhado pelo sr. ministro da Marinha, passa revista á guarda de honra, que é feita por aspirantes das Escolas Militar e Naval.

Pupilos do Exército e as Escolas Militar e Naval. O publico aplaude com entusiasmo e os destacamentos desfilam por entre constantes e freneticas salvas de palmas. O sr. brigadeiro Monteiro de Barros, governador militar de Lisboa, vem postar-se com o seu estado maior junto das tribunas. Segue-se um batalhão de Marinha, tambem muito aclamado, e vem depois o Exército, que ouve igualmente longos aplausos. A' frente, dois batalhões de Infantaria 1 e depois, sucessivamente, regimentos de Infantaria 5 e 11, uma companhia a três pelotões cada; batalhões de Caçadores 5 e 7, um batalhão cada, respectivamente, a cinco e quatro companhias; batalhão de Metralhadoras 1,

as respectivas charangas a cavalo.

O desfile demorou exactamente duas horas. O Chefe do Estado e o presidente do Conselho são alvo de uma nova e calorosa manifestação popular e retiram-se, seguidos dos membros do Governo. A multidão cerca a tribuna e os rapazes da «Mocidade» cantam em coro o seu hino e a «Portuguesa». A officialidade vai tomando lugar nos seus carros e as manifestações succedem-se.

Uma brilhante parada aerea

A aviação militar apresentou hoje em vôo 44 aparelhos

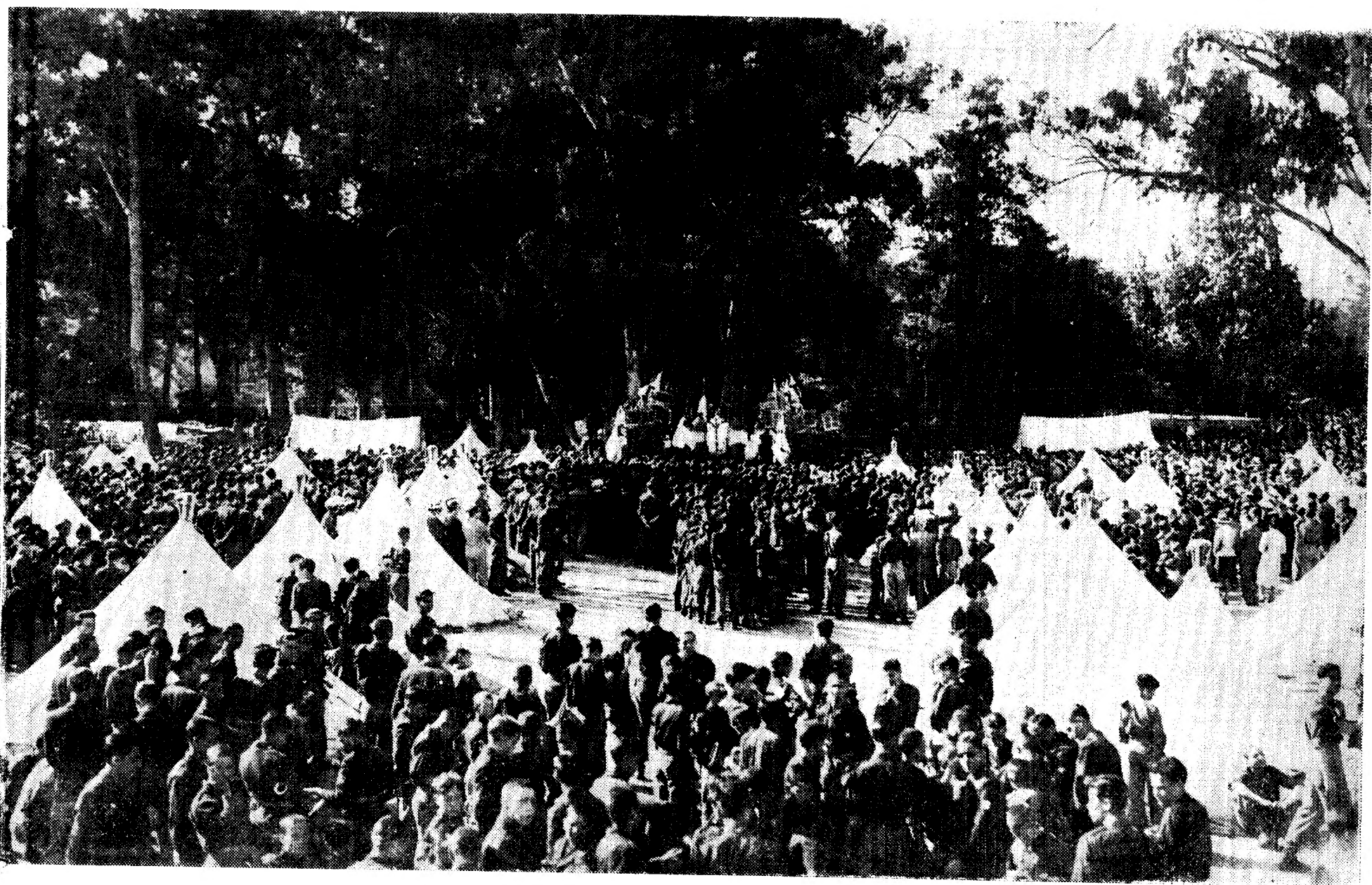
Merece uma particular referencia a

CASQUILHO

ALFAIATE —

Apresenta os mais lindos e variados padrões em fazendas nacionais e estrangeiras para a época de verão — Vestidos «tailleur» — Aptofone 46018

— MERCADOR



Um aspecto grandioso da missa campal que esta manhã se celebrou no II Acampamento da «Mocidade Portuguesa», em Paços de...

ram o acampamento ministrando a comunhão, a numerosos jovens.

No final da missa, o sr. arcebispo de Évora pronunciou uma patriótica saudação à «Mocidade Portuguesa», ali tão altamente representada.

O GRANDE BANQUETE MILITAR

que se realiza esta noite

Conforme d'ssemos, efectua-se esta noite, no palácio das Exposições, no Parque Eduardo VII, o grande banquete de confraternização militar, sob a presidência do sr. dr. Oliveira Salazar, na sua qualidade de ministro da Guerra.

A ordem dos discursos é a seguinte: major Ricardo Durão, general Farinha Beirão e dr. Oliveira Salazar.

A comissão de honra do banquete é constituída pelos srs. generais Lobato Guerra, Peixoto e Cunha, Casimiro Telles, Farinha Beirão, David Rodrigues, Fernando Berges e Schiappa de Azevedo; brigadeiros Monteiro de Barros e D. Luiz da Cunha Meneses; coronel Martins Cameira, comandante geral da Polícia, e tenente-coronel Lobo da Costa, governador civil de Lisboa.

Assistem como convidados os srs. ministro da Marinha e almirante maior general da Armada.

A comissão convidou também o sr. sub-secretário da Guerra a assistir ao banquete, tendo o convite sido aceite.

Pede-nos a comissão que lembremos aos srs. oficiais a conveniência de chegarem antes das 20 e 45 ao pavilhão, para maior facilidade da instalação dos convivas.

As comemorações na provincia

SANTAREM, 29.—Para comemorar o XII aniversário do movimento de 28 de Maio, o sr. dr. Eugénio de Lemos, governador civil do distrito, fez distribuir pelos pobres um bode, constituído por generos alimentícios, destinando duas senhas aos pobres protegidos pelo «Diário de Lisboa».

Também, no teatro Sá da Bandeira, se realizou uma sessão comemorativa daquele data, á qual presidiu o chefe do distrito, e em que foi exposta a finalidade da nova situação política, por varios oradores. O sr. capitão Lino Valente focou com fartos argumentos o problema economico, financeiro e internacional, acabando

por afirmar que hoje, mais do que nunca, é indispensavel a união de todos os portugueses no sentido de melhor defenderem a patria. O sr. dr. Virgílio Arcuda, num belo discurso, pôe em relêvo o movimento de 28 de Maio, fazendo um rasgado elogio das figuras que para ele concorreram, terminando por dizer que o Exercito é uma força de confiança iniludível e sempre pronta a defender a ordem, a disciplina e a honra de Portugal.

Fezchu a serie dos discursos o sr. dr. Carlos Borges, que começou por lamentar a ausencia de muitas criaturas que tinham o dever de estar, para lhes poder dizer algumas verdades, mas que nem por isso poderia deixar de se referir ao acto que hoje se comemora, e disse: «O movimento de 28 de Maio, foi um verdadeiro hino á patria, aquele em que o Exercito representou o papel maximo de restaurador duma nação enfraquecida e sem moral, acção que só é comparavel á revolução de 1640».

Traça seguidamente a organização corporativa do Estado Novo, que considera a mais bela e vantajosa para o povo.

Termina fazendo o elogio caloroso do Exercito, a quem presta as suas homenagens, levantando «vivas» a Salazar e a Portugal, no que é entusiasticamente secundado pela assistencia.

A fim de tomarem parte na parada da «Legião Portuguesa», que se realizou hoje em Fomar, partiram desta cidade todos os componentes daquela agremiação, comandados superior-

mente pelo sr. engenheiro Monte Pereira.

CUBA, 28.—Comemorando a data festiva da Revolução Nacional, realizou-se hoje nesta vila a inauguração dos crucifixos nas escolas primarias, festa que foi revestida de grande brilhantismo e constou do seguinte: de manhã, missa e bênção dos crucifixos, em seguida inauguração dos crucifixos em todas as salas de aula e desfile dos alunos de todas as escolas desta vila, comandados por alguns legionarios. Incorporaram-se no cortejo os alunos do Collegio de Santo Antonio, desta localidade, muitos legionarios, a banda da Sociedade Filarmónica Cubense 1.º de Dezembro e muito povo. Por ultimo o cortejo dirigiu-se para a escola do sexo masculino e ali, numa das salas, realizou-se uma sessão solene presidida pelo sr. dr. Nobre Sobrinho, delegado da «Legião Portuguesa» nesta vila, representando o sr. presidente da Camara. Durante este acto usaram da palavra a professora sr.ª D. Almerinda Constante Tavares, o menino Tomaz Lopes Bexiga Junior e o prior da freguesia, tendo alguns alunos feito recitativos. Deram-se muitos «vivas» ao Estado Novo, aos srs. general Carmona, dr. Oliveira Salazar, a Portugal e á «Legião Portuguesa» e «Mocidade Portuguesa». No final o cortejo os alunos cantaram o hino da «Mocidade Portuguesa».

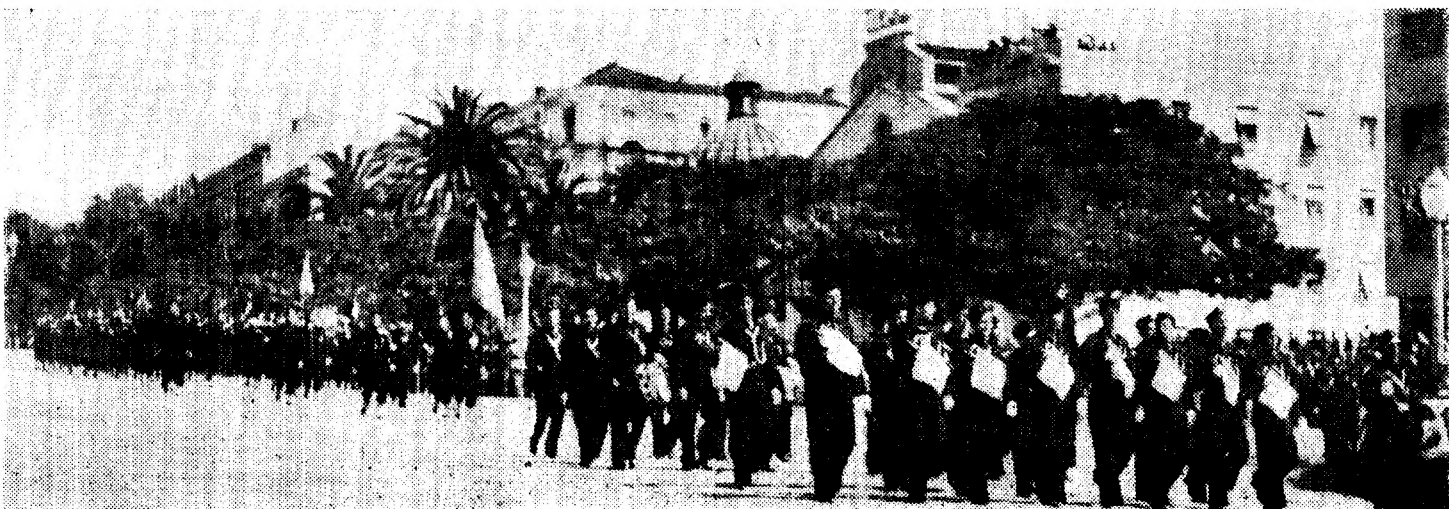
Este acto foi presenciado por muito publico, e as ruas por onde o cortejo passou estavam

apinhadas de gente. A's 16 horas, na escola do sexo masculino, foi servido um «lunch» a todos os alunos das escolas.

MEALHADA, 28.—No posto da Policia de Viação e Transito, sito nesta vila, festejou-se com grande brilhantismo a data de hoje, apresentando-se o pessoal ao serviço do mesmo posto com o novo uniforme que áquella corporação foi distribuido. Usou da palavra o comandante do mesmo posto sr. José Alves Polidoro, que fez em concretas palavras aos seus subordinados o significado desta data, erguendo no final «vivas» á Patria, ao Estado Novo, ao general Carmona e ao dr. Oliveira Salazar. Foram queimadas nesta altura varias girandolas de foguetes.

CONSTANCIA, 29.—Seguiu hoje pra a cidade de Tomar, armado e equipado na sua maxima força, o nucleo da «Legião Portuguesa» deste concelho, que ali vai tomar parte na concentração de forças legionarias do distrito de Santarem, em comemoração do 28 de Maio.

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 28.—Comemorando a data gloriosa de 28 de maio, o sr. Sydney H. G. Head, do British Observer In Portugal, deu um jantar a 20 pobres, no restaurante «Caves do Guadiana», do sr. Vicente Rodrigues Peral, tendo participado nas despesas.



Um aspecto do desfile da Brigada Naval da «Legião» pela Avenida da Liberdade

NO BEATO

Um violento incendio destruiu uma oficina de tanoaria

Um violento incendio destruiu hoje, grande parte duma oficina de tanoaria, pertencente a firma J. Pinto Vasconcelos, Lda., na avenida Marginal, ao Beato, junto ao cais. Cerca do meio dia, alguns moradores da rua Direita do Grilo eram surpreendidos por grossos e densos rolos de fumo que o vento levava até ali. Ao principio foi difficil localizar o incendio, tão espessa se tornou a fumaçada naquele local.

O corneteiro duma fabrica de manutenção militar, que ali existe, tocou a fogo. Imediatamente o pessoal de incendios daquele estabelecimento, tomou precauções que se impunham. Entretanto, acorriam os bombeiros voluntarios do Beato.

Estes, vendo a grandeza do sinistro chamaram os bombeiros sapadores, que logo compareceram no local. Grandes cortinas de fumo continuavam a elevar-se na atmosfera, dificultando não só a visibilidade dos bombeiros, como até o ataque ao incendio.

Alguns moradores da rua Direita do Grilo, cujas traseiras das casas deitam para a Avenida Marginal e comunicam com as oficinas de tanoaria, chegaram a abandoná-las. Os bombeiros, com grande denodo, iniciaram o combate ao sinistro pela rua Direita do Grilo, travessa do Grilo e Avenida Marginal. Dezassete agulhetas foram postas a trabalhar na extinção do incendio, cujo foco principal era na oficina, ameaçando, porém, os predios vizinhos.

Se o sinistro se tivesse dado durante a noite, o caso poderia ter grandes proporções visto haver no local varios armazens, nomeadamente um de moveis e outro de produtos inflamaveis. Por isso o primeiro cuidado dos bombeiros foi atacar o fogo pelo predio n.º 100 a-fim de evitar qualquer surpresa.

Após meia hora de porfiados e intelligentes esforços, o fogo estava dominado. Dirigiu os trabalhos os 1.º e 2.º comandantes dos bombeiros respectivamente sr. Sanches da Gama e Quintino Rogado, e adjunto sr. tenente Junqueiro.

Os prejuizos são grandes. Ardeu quasi todo o vasilhame existente na tanoaria considerando-se inutilizada a maquinaria.

Não se sabe ainda a quanto montam os prejuizos, segundo nos declarou um dos gerentes.

Compareceram 4 prontos-socorros, um carro subalterno, um auto-magirus dos Sapadores e material dos voluntarios da 2.ª secção.

Na extinção do incendio coadjuvaram os bombeiros os chefes Costa, Rodrigues, Filipe e Pais.

A multidão que accorreu ao local foi mantida a distancia por uma força de Policia, sob o comando do chefe Adriano e outra de 32 praças da G. N. R.

Segundo um rapido inquerito feito pelo comandante Sanches da Gama, o incendio foi possivelmente, originado por alguns foguetes que tenham caído no forro do telhado.

Durante o ataque feriram-se nas mãos, sem gravidade, alguns sapadores bombeiros tendo ainda recebido um ferimento na cabeça produzido por uma telha o Chefe de 2.ª classe sr. Carlos Filipe; os primeiros receberam tratamento no posto de socorros dos Voluntarios do Beato e o ultimo por ser de certa gravidade recebeu tratamento no Banco do hospital de S. José.

Trasladação dos restos mortais do general Abel Hipolito e de mais 73 combatentes

Promovida pela Agencia de Lisboa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, realizou-se hoje, no Alto de S. João, a cerimonia da transferencia, do anexo á capela do cemiterio para a cripta do respectivo talhão, dos restos mortais de 74 antigos combatentes, entre os quais o sr. general Abel Hipolito.

A cerimonia que foi de uma grande simplicidade, assistiram representantes da Liga e muitas pessoas de familia dos extintos.

REUNIÕES INTERNACIONAIS

Congresso hoteleiro de Baden-Baden

O sr. Alexandre de Almeida, vicepresidente da Aliança Internacional de Hotelaria, cuja sede tem sido nos ultimos anos em Londres, e que passa agora de novo para Paris, impedido á ultima hora de ir assistir ao Congresso de Baden-Baden, que se realizou agora, pediu-me que fosse lá representá-lo e apresentar um trabalho que ele organizara para o mesmo Congresso.

Lá fui e confesso que tenho pena que ele não tenha ido, não só pelo privilegio de que goza nessa grande associação internacional e cujos trabalhos tem acompanhado desde ha 15 anos—prestigio de que eu já tinha conhecimento desde ha três anos, quando fomos ambos ao Congresso do mesmo organismo, realizado em Bruxelas—mas porque ele, pelos conhecimentos que tem da vida hoteleira, melhor do que eu poderia defender as suas sugestões.

Fui, e com duplo prazer, pois entendo que num congresso daquela importância, organizado pelo principal organismo turístico do mundo inteiro, e onde havia representantes de 27 países, era conveniente a presença dum delegado português, e ainda porque nessas reuniões ventila-se sempre assuntos de turismo de elevada importância e que me não são indifferentes.

E para prova de que tais congressos interessam os organismos turísticos e os hoteleiros de todos os países, basta dizer que os japoneses, como já fizeram no Congresso de Bruxelas, na impossibilidade de enviarem expressamente um representante, delegaram um estudante nipónico, frequentando uma Universidade europeia, para esse efeito, e desta vez tive ocasião de privar de perto com ele, o sr. Akira Yamaguchi, pessoa de fino trato e altamente instruída.

Os alemães tinham proposto Baden-Baden, a sua principal estância termal, para a reunião do Congresso Hoteleiro, e foram felizes na escolha, pois todos os delegados levaram a melhor impressão da beleza incomparável da Floresta Negra que a cerca, assim como do estabelecimento de banhos, modernissimo, do casino suntuoso, dos seus parques vastos e esmeradamente tratados e dos seus excelentes e numerosos hotéis.

Seja-me permitido citar dois factos pessoais para se avaliar até que ponto na Alemanha se cumprem as leis da hospitalidade, e para demonstrar a grande admiração que tem pelo homem extraordinário que preside aos seus destinos.

Tinha-me sido designado o Hotel Badischer, um dos melhores da estância e o proprietario, o sr. Gustavo Schnetzer e sua esposa, dois artistas-hoteleiros, sabendo que eu ia acompanhado de minha mulher, tiveram para com ela delicada atenção. Puseram no nosso quarto um lindo molho de cravos encarnados, escolha que foi feita—soube-o depois—porque em folhas vermelhas com as folhas verdes faziam as cores da bandeira portuguesa. Num cartão ao centro lia-se: «Madame, seja bem vinda».

Nessa noite, o sr. Schnetzer ofereceu-nos um jantar intimo no seu salão particular, onde havia telas dos

melhores mestres alemães e ao qual assistiam, além das suas duas encantadoras filhas, alguns amigos da casa.

Na altura dos vinhos finos levantei o meu copo á saude de Adolfo Hitler. Todos os convivas, umas 10 ou 12 pessoas, se levantaram como que impellidos por uma mola, para beberem á saude do Fuehrer.

Vamos, porém, ao Congresso, que durou quatro longas sessões, em que os assuntos hoteleiros e turísticos foram debatidos com o maior interesse.

Dois assuntos foram longamente debatidos, o problema das gorjetas nos hotéis e restaurantes e o barulho nocturno nas cidades e nas estancias termas.

O problema da gorjeta interessa hoje o mundo hoteleiro, não se tendo chegado, porém, a uma conclusão, visto os reparos e objecções que foram feitos por diversos congressistas. Opinam uns que o problema é insolúvel, pois os 10 0/0, que se juntam ao total da despesa no hotel e no restaurante, não dão o resultado desejado, visto os fregueses serem por vezes os primeiros a trair o preceito, dando gorjetas supplementares, mas os empregados procuram obtê-las com desnecessarias e novas dedicações.

O ideal seria, opinaram varios oradores, pagar-se devidamente ao pessoal, como se faz noutras industrias e não haver gorjetas sob pretexto algum, aumentando-se os preços dos hotéis em conformidade.

Um delegado francês contou casos picarescos sobre o gravissimo problema da gorjeta e um inglês afirmou que em casa dele havia suprimido a gorjeta e estabelecido uma remuneração ao seu pessoal, mas que este procurava obter gratificações dos hospedes sob varios e curiosos pretextos.

Em face disso entendeu-se preferível ficar tudo como estava, e que o melhor seria ainda que se deixasse ao freguês escolher os 10 0/0 na conta ou a gorjeta directa ao pessoal.

Sobre o barulho nocturno, todos reclamaram a supressão radical do toque das buzinas dos automoveis das 11 da noite ás 7 da manhã e de qualquer outro ruido incomodo ao repouso dos hospedes.

Um delegado francês declarou que a supressão do toque de buzina de automoveis a horas mortas tinha dado tão bons resultados em Paris que o governo francês ia estendê-la a todo o país, começando pelas estancias termas e de repouso.

O delegado da Hungria, sr. O. Maréchal, mandou nessa altura um bilhete para a minha mesa, pedindo-me que lembrasse esse magno assunto ás autoridades portuguesas, pois a ultima vez que esteve em Lisboa não tinha podido dormir. O que faço aqui com muito prazer.

Depois de varias visitas á Floresta Negra, dum grande jantar no Castelo de Heidelberg e dum almoço num curioso albergue, toda a gente debandou para os seus países, levando de Baden-Baden e da hospitalidade alemã a melhor impressão.

Uma das proximas reuniões, talvez em 1939, deve efectuar-se em Lisboa.

GUERRA MAIO

Distribuição de premios

na Escola Superior Colonial

Como noticiámos, é amanhã, pelas 21 horas e 30, que se realiza, na Escola Superior Colonial, sob a presidencia do sr. ministro das Colonias, a sessão solene da distribuição de premios aos alunos mais classificados do ano lectivo anterior.

Usarão da palavra o director da escola, sr. conde de Penha Garcia, o professor dr. A. Rita Martins, que dissertará sobre «A doença do sono nas colonias portuguesas e estrangeiras», e o aluno Granjo Pires, que agradecerá os premios em seu nome e no dos seus colegas.

VIDA DIPLOMATICA

A fim de ocupar o seu novo cargo, parte depois de amanhã para o Chile o sr. D. Alexandre Magno de Andrade, ministro de Portugal naquela Republica.

OPTIMOS CAFÉS

A \$560—7\$60—10\$00 e 12\$00 o quilo
Casa Pereira, 38 - R. Garrett

A MUSICA

Guila Bustabo

Trata-se novamente dum talento precoce, uma violinista que poderemos collocar entre um Mernelím e um Makanovitsky. As três influencias da sua origem reflectem-se nitidamente no temperamento artistico de Guila Bustabo, este referido talento precoce que o «Circulo de Cultura Musical» acaba de apresentar com aplauso unanime dos seus socios. As duas primeiras dessas três influencias, a italiana e a checa, dão-lhe os elementos de sentimento e fantasia; a terceira, a americana—Guila Bustabo nasceu em Chicago de pai italiano e mãe checa—dá-lhe aquela disciplina robusta, capaz de atraiçoar um pouco as primeiras influencias, mas em todo o caso preciosa pelo dominio quasi facil e sorridente da tecnica que ela permite.

De resto, a encantadora menina,—quasi uma criança, a pontos de que estranhámos vê-la de vestidinho até aos pés,—não tem só sentimento, fantasia, e uma grande tecnica; tem uma bela som, é inteligente, e tudo leva a acreditar que a sua personalidade será marcada.

No programa, bastante «forte», apreciamos o «Concerto» em mi maior de Bach,—as exigencias do seu estilo não devem passar despercebidas a Guila Bustabo. Preferimos, é claro, a interpretação da «Sinfonia Espanhola» de Lalo, que teve verdadeiro rasgo. A «Sonata» de Cesar Franck tambem foi tocada com pleno dominio da tecnica, firmeza de afinação, elevação, e luminosidade até—o que mais nos fez lembrar uns peccadinhos de lesa-estilo.

As habilidades dum Sarasate ou dum Wienanski foram substituidas sem vantagem nem desvantagem por uma «Rusalia Hungarica» de Dohnanyi, de resto muito bem tocada. Não foi menos bem tocada, e tiveram muito mais interesse o «Chant de Roxane» de Szymanowski, e duas peças das três que Guila Bustabo tocou extra-programa, das quais não nos ocorre o nome do autor. (A primeira das peças extra-programa, foi um arranjo de «Nana» de Falla).

Ao piano, Jaime Silva (Filho), collabora com a sua boa musicalidade, que é sempre um auxiliar indispensavel; e mesmo assim, que falta fez por vezes a orquestra! E teve especial valor e merecimento na exigente Sonata de Franck, que só está ao alcance dum bom musico de grande tecnica, como é o caso de Jaime Silva.

FRANCINE BENOIT

Federação Portuguesa de Natação

Campeonatos nacionais escolares

De harmonia com resoluções tomadas anteriormente, a direcção da Federação Portuguesa de Natação realiza no dia 5 do proximo mês de Junho, na piscina do Sport Algés e Dafundo os campeonatos escolares de Portugal, com inscrição aberta a todos os estabelecimentos de ensino que funcionam no país. O programa dos campeonatos nacionais abrange as seguintes provas: 100, 200 e 3x100 metros livres, 100 metros costas e 100 metros de bruços. E dele constam tambem as provas que seguem:

Escolares (infantis), para nadadores escolares até 15 anos: 33 e 3x33 metros livres, 33 metros costas e 33 metros de bruços.

Escolares (senhoras): 66 metros livres e 66 metros bruços.

Inter-clubes (Inscrição livre): 3x66 metros em três estilos, e 5x33 metros livres.

A inscrição mantem-se aberta até ás 22 horas do dia 2 de Junho e pode ser feita em officio dirigido á sede da Federação. As taxas de inscrição para as provas escolares são: para os campeonatos escolares, 1\$00 por prova e por nadador; para as provas infantis, 5\$0 por prova e nadador.

Campeonatos nacionais inter-clubes

A direcção da Federação Portuguesa de Natação, tendo apreciado devidamente o pedido formulado nesse sentido pela Associação de Natação de Coimbra, resolveu confiar este ano a organização dos campeonatos nacionais de natação e saltos á mesma associação, para serem disputados em piscina a construir pela Camara Municipal de Coimbra, no local reservado á Praia Artificial da mesma cidade.

A realização dos referidos campeonatos continua marcada para os dias 20 e 21 de agosto.

Esquadra alemã em Lagos

Devem entrar amanhã no porto de Lagos, para exercicio de tiro, os seguintes barcos de guerra alemães: «Admiral Scheer», torpedeiros «Tiger», «Illis», «Wolf», e os navios de abastecimento «August Schultze» e «Neptun», que se demoram ali até ao dia 3 de junho.

DOENÇA SUBITA E MORTAL

O oniado de mesa Manuel Roque Caldas, de 32 anos, quando hoje se encontrava na sua residencia, escadarias da Barroca, 4, 2.º, foi acometido de doença subita, em consequencia da qual faleceu. O cadaver foi conduzido para a Morgue.

NO EXTREMO ORIENTE A revolução no Mexico

A divisão do «Lawrence da Manchuria» sofreu uma derrota

PEQUIM, 29. — As autoridades japonesas admitem que as suas tropas sofreram uma derrota em Lan-Feng, principal objectivo da ofensiva japonesa contra o caminho de ferro de Lung-Hai. Aquelas tropas compreendem, nomeadamente, uma divisão comandada pelo general Doihara, conhecido pelo epíteto de «Lawrence da Manchuria». O estado maior japonês espera que, devido à queda de Kweith, situada a uns cinquenta quilómetros de Lan-Feng, se possam enviar reforços à divisão de Doihara. — (Havas).

45 aviões bombardearam Cantão

LONDRES, 29. — De Cantão comunicam à Reuter: «Cerca de 45 aviões lançaram de novo bombas sobre Cantão, nomeadamente no Parque Central, na «mairie», e sobre as baterias chinesas da ilha de Honan e ao norte da estação de Wongshe. — (Havas).

Marinheiros britânicos em perigo

LONDRES, 29. — De Cantão comunicam à Reuter: «Cem marinheiros britânicos chegaram a Cantão a noite passada, em comboio especial, no momento em que o bombardeamento da cidade, pelos aviadores japoneses, atingia o seu auge. As autoridades britânicas declaram que todos eles se encontram sãos e salvos. — (Havas).

Chocaram dois paquetes

e um afundou-se, sem que houvesse vítimas

NOVA YORK, 29. — O navio de excursões, «Mandalay», afundou-se na baía de Nova York, por ter chocado, devido ao nevoeiro, com o paquete «Acadia». Os navios guarda-costas dirigiram-se imediatamente para o local do naufrágio, para salvar os passageiros do navio afundado.

O «Acadia» comunicou que sofrera apenas leves avarias e que tencionava continuar viagem para as Bermudas.

Mais tarde, os guarda-costas desembarcaram no cais de Battery todos os passageiros recolhidos pelo «Acadia».

A tripulação do navio sinistrado conseguiu evitar o pânico a bordo.

O «Mandalay» afundou-se em menos dum quarto de hora. Consta que não houve uma única vítima. O «Acadia» acabou por desistir de continuar viagem com rumo às Bermudas. — (Havas).

A AGITAÇÃO NA PALESTINA

Ataque dum bando rebelde

LONDRES, 29. — De Amman (Transjordânia) comunicam à Reuter: «Um bando de rebeldes, vindo da Palestina, atacou ontem à noite o posto árabe de Kereime, no vale do Jordão, ficando ferido um polícia. Os rebeldes foram dispersos». — (Havas).

Pensão Liège

200\$00 e 236\$00

Diária 8\$00 — Almoço 4\$00 — Jantar 4\$50

Comer até satisfazer

Rua Bica Duarte Belo, 72 — Telefone 25860



PÓS DE KEATING
MAS TEM DE SER KEATING

GAROD-RADIO

desde 38\$50 entregando-se o aparelho após o pagamento da 1.ª prestação

Representantes para Portugal e Espanha

DOMINGOS GONÇALVES & C.ª

R. do Arco Bandeira, 133, 2.º — Telefone 2 5741

Cedillo fugiu e fez declarações pela rádio

SANTO ANTONIO, 29. — Os amigos do general Cedillo dão a entender que o general deve tentar refugiar-se no Texas, onde já estão varios membros da sua familia. Durante a sua fuga perante as tropas federais, Cedillo parou em certo lugar, para dar pela rádio uma entrevista às agencias e aos jornais americanos. Declarou que era capaz de resistir às tropas federais durante anos, visto que a insurreição fora preparada ha varios meses. Atribui o revés do golpe de estado ao facto da população de São Luiz de Potosi não querer bater-se contra as tropas federais. — (Havas).

A revolta pode considerar-se liquidada

MEXICO, 29. — O ministro da Guerra, general Camacho, declarou terminada a revolta de Cedillo: As tropas não encontram praticamente resistencia. A infantaria e a cavalaria fazem marchas como em manobras, e a aviação sempre activa desempenha primordial papel. O 35.º regimento de cavalaria desbaratou uma coluna rebelde perto de Lazunita. As montanhas de Huasteca, ultimo refugio do general rebelde, foram ocupadas pelas tropas fieis, como antes sucedera ao quartel general de Cedillo, a herdade de «Las Palomas», que se tornou a base principal da aviação fiel na zona de operações.

Tudo indica que a revolta estava a ser meticulosamente preparada e que Cedillo contava com fortes apoios externos. O governo, sabedor dos intentos do general, iniciou uma campanha antes de os rebeldes terem articulado todos os elementos da conjura. Depois, foram presos, em Nuevo Laredo, os emissários que iam adquirir aviões nos Estados Unidos. Os outros compromettidos, vindo diminuir as possibilidades de êxito da insurreição, não se manifestaram ou renderam-se.

Foram irradiados do exercito e têm ordem de prisão, onde quer que se encontrem, todos os oficiais que acompanharam Cedillo.

Cardenas deu ordem para que fossem soltos alguns individuos apontados como adeptos do general rebelde. — (Americana).

AERONÁUTICA

Foram encontrados os restos do avião de Kingsford Smith

GAMBERRA, 29. — Anuncia-se que os técnicos da casa Lockheed, de Los Angeles, reconheceram como sendo do avião de Kingsford Smith os restos de um aparelho encontrados na costa da ilha Aye, ao largo da Birmanian. Como se sabe, o famoso aviador australiano desapareceu misteriosamente em novembro de 1935, quando tentava bater o «recond» de vôo Inglaterra-Australia. Acompanhava-o o aviador Pethy Cridge. — (Americana).

Aviões alemães na Jugo-Eslavia

BELGRADO, 29. — Aterraram hoje aqui, às 10 horas, os 38 aviões de bombardeamento do exercito alemão que vêem oficialmente visitar a Exposição Internacional da Aviação. Foram recebidos pelo representante do rei, pelo chefe das forças aéreas jugo-eslavas, e pelo chefe do estado maior do exercito aereo. O general Foerster, chefe da esquadilha alemã, visitou o aeroporto e apresentou em seguida cumprimentos às autoridades. Os aviadores alemães foram condecorados à tarde. — (D. N. B.).

Terminou a greve na Jamaica

LONDRES, 29. — De Kingston informam à Reuter: «Os trabalhadores das docas, cuja greve produziu tumultos na Jamaica de ha oito dias a esta parte, regressaram ao trabalho. — (H.).

Schuschnigg foi para Leipzig?

VIENA, 29. — Corre com insistencia que Schuschnigg foi transferido para Leipzig. Não se sabe se será ali submetido a julgamento. — (Americana).

A politica interna romena

BUCARESTE, 29. — O ministro do Interior ordenou que deixassem de estar sob a vigilância da policia o comandante Szalassy e os seus 72 tenentes. Anuncia-se que, de futuro, será proibido aos funcionarios que adiram a partidos que preservem o uso do uniforme e de insignias, ou que organizem propaganda susceptível de perturbar a tranquillidade do pais. Ha já algum tempo que o partido nacional-socialista parece querer entrar na legalidade e já possui um jornal cotidiano: o «Magyarsag». — (Havas).

Exposição de Historia em Paris

PARIS, 29. — Amanhã vai ser inaugurada a Exposição de Historia no Arco de Triunfo de Paris, que é organizada na grande sala daquele monumento. Podem ali ver-se, entre outros documentos, os que se referem ao regresso das cinzas de Napoleão, aos funerais de Victor Hugo e às festas da Vitoria de 1919. — (Havas).

A CRISE NOS ESTADOS UNIDOS

NOVA YORK, 29. — Os numeros mostram que ultimamente se acentuou a depressão economica. Nos ultimos sete meses aumentou em 600 mil o numero de familias, que recebem subsidio. São dois milhões as que se encontram nestas condições. Fecharam centenas de fabricas. — (Americana).

OS DIAMANTES DA VENEZUELA

NOVA YORK, 29. — Comunicam de Caracas que, desde 1912 até hoje, foram retirados do leito do rio Caroni (Venezuela) 50.000 quilates de diamantes. O valor dos jazigos diamantíferos entre os afluentes Cuquenam e a Quibari é calculado em mais de cem milhões de dolares. — (Americana).

Condenação de quatro «nazis»

BUENOS AIRES, 29. — O tribunal condenou a 54 meses de prisão 4 «nazis», Wilke, Gordillo, Rocha e Matos, por terem tentado incendiar o edificio do jornal anti-fascista «Argentinisches Tageblatt» e cometido atentados contra sinagogas. — (Havas).

O general Valle na Romenia

BUCARESTE, 29. — O general Valle, sub-secretario de Estado italiano da Aeronautica, e esperado em Bucareste no dia 6 de junho. No dia 7 assistirá à grande festa da aviação romena. — (Havas).

Está desvendado o misterio

que envolvia um atentado da G. P. U.

AMSTERDAM, 29. — A Policia holandesa de colaboração com as policias de Berlim e Viena, conseguiu desvendar completamente o misterio do atentado de Rotterdam. A vitima desse atentado terrorista da G. P. U., Eugene Konovalec, é um dos dirigentes do «movimento libertador da Ucrania», oficial austriaco durante a Grande Guerra. Após o assassinio do chefe do movimento Hetman Petljura, foi encarregado, em 1916, dessas funções. O atentado foi cometido por dois agentes da G. P. U. em 1934. Um tal ucraniano Waluch, do qual Konovalec recebera uma consideravel soma para o movimento libertador da Ucrania era afinal um agente da G. P. U. O agente enviou-lhe em lugar de notas do banco um pacote com maquinas infernais. O assassino Waluch deixou a Holanda logo após o atentado. Supõe-se que tenha seguido para territorio sovietico. — (D. N. B.).

O atentado de Rotterdam

teve caracter politico

AMSTERDAM, 29. — O «Allgemein Nederlandsch Presbureau» informa: «Chegou-se agora à conclusão de que a explosão duma bomba em Rotterdam, no dia 23 de maio, constituiu um atentado politico. A vitima foi Eugenio Konovalec e era o chefe do movimento contra-revolucionario ucraniano e director da repartição da Imprensa ucraniana de Berlim. O autor do atentado é um tal Waliuk, agente sovietico, que provavelmente conseguiu fugir da Holanda no proprio dia do atentado. — (Havas).

O Brasil e o 28 de Maio

RIO DE JANEIRO, 29. — O «Cruzeiro» a importante revista ilustrada dos «Diarios Associados», publicou um numero especial dedicado a Portugal, comemorativo do 28 de Maio. Esse numero, que obteve um exito invulgar, foi organizado pelo director da sucursal dos «Diarios Associados», em Lisboa, o jornalista Gastão de Bettencourt, e insere não só magnificas fotografias como valiosa colaboração sobre a obra do Estado Novo. — (Americana).



*As dores de dentes
desaparecem rapidamente
tomando VERAMON.*

É o calmante que em poucos minutos faz passar estas dores, graças à sua acção poderosa sobre os nervos da região bucal.

E porquê o Veramon?

Porque o Veramon, graças à sua composição química especial, produz o máximo efeito calmante sem prejudicar seja no que fôr. O Veramon não provoca sono, não produz ardores no estômago nem ataca o coração.

VERAMON

Acalma sempre sem nunca prejudicar

Embalagens originais:
Tubos com 10 e 20 compr.

O MOMENTO INTERNACIONAL

Houve hoje eleições na Checo-Eslováquia

e na fronteira da Boémia

deu-se um novo incidente

PRAGA, 29.—Efectuam-se hoje as eleições comunais em 2.367 localidades das 15.000 que existem na Checo-Eslováquia. Dasquelas 2.367 comunas, 1.152 são checas, 501 alemãs, 22 eslovacas e 15 polacas. Trata-se, geralmente, de pequenas comunas rurais onde a escolha dos conselhos municipais é ditada pelos interesses locais. Não se realizarão eleições em 619 comunas, ou porque os partidos assentaram na distribuição dos mandatos, ou porque se reconheceu que um deles é senhor indiscutível da comuna. É o caso do partido agrário, visto que se trata de comunas rurais. A campanha eleitoral tem pouca animação e a imprensa concede-lhe importância quase insignificante.—(Havas).

A situação melhorou consideravelmente

PRAGA, 29.—Os círculos políticos checos não dissimulam que, devido às conferências de ontem, as perspectivas melhoraram. Além disso, nota-se uma evolução muito nítida nas esteiras dos alemães sudetas. Durante a conferência de segunda-feira com Hodza, Henlein insistiu principalmente no regresso ao regime normal, isto é, que voltassem aos seus lares os reservistas convocados para manter a ordem no país dos sudetas e a organização defensiva do país ao abrigo de qualquer surpresa. Na realidade as negociações continuam actualmente entre Hodza e os deputados sudetas.

Ontem à noite, nos círculos responsáveis henleinistas, já não se tratava de «condições prévias». Os respectivos dirigentes declaram que os «sokols» e a Guarda Nacional já foram desarmados e que as garantias dadas pelo governo checo bastam. Trata-se, pois, duma retirada estratégica dos henleinistas. A que se deve atribuir a causa? Será o efeito da passagem por Praga de William Strang? É interessante notar a este respeito que a imprensa dos sudetas não publicou nenhum comentário a respeito daquela visita, mas uma «manchette» do «Zeit» é significativa a pesar da sua concisão: «O misterioso Strang» escreve simplesmente aquele jornal. Por outro lado, certos indícios levam a pensar que correspondem bem à verdade as informações provenientes de Berlim que diziam que Hitler deu a Henlein conselhos de moderação.—(Havas).

Comentários de jornais franceses

PARIS, 29.—«As relações entre o governo checo—escreve Peri na «Humanité»—e a população alemã seriam imediatamente reguladas se a Alemanha fôsse desde já obrigada a bater em retirada, e se as potências pacíficas proibissem à Alemanha que se intromettesse nos negócios checos. Só serão reguladas—friza—nestas condições». Além disso, Peri refere-se às dificuldades com que a Alemanha depara na Austria. Os nazis austriacos, afirma, que se viram excluídos da maior parte dos postos, sentiram profundamente os acontecimentos que se referem aos checos para quem vai a sua simpatia. A este respeito, Peri cita as palavras de um colaborador militar de Hitler: «Em caso de conflito com a Checo-Eslováquia, a Alemanha terá de fazer frente a uma guerra de partidários da Austria».

Marcel Pays escreve no «Excelsior»: «O Reich hitleriano prefere, sem dúvida, a uma anexação, susceptível de provocar uma conflagração europeia, uma «penetração pacífica» sob a forma de colaboração mais estreita das minorias alemãs na política interna e externa de Praga».

Finalmente, D'Ormesson diz no «Figaro»: «Se bem que a situação continue a ser delicada, continua a pairar a tempestade na atmosfera. Se se pôde evitar o conflito, foi porque cada um soube definir claramente as suas posições. Assim, as responsabilidades eram nítidas e nada vale tanto como a nitidez em matéria política. As boas contas fazem os bons vizinhos».—(H.).

Mais um incidente na fronteira

PRAGA, 29.—Houve esta manhã às 2 horas, em Tisova, localidade que fica na fronteira noroeste da Boémia, uma desordem entre membros do partido henleinista e alemães democratas sudetas. Um henleinista ficou gravemente ferido e três sofreram leves ferimentos. A «gendarmérie» e os soldados do posto alfandegário intervieram, sendo presas 75 pessoas, para averiguações. Pouco depois chegou ao local da desordem Groesman, prefeito da província de Kraslice, que é alemão e que procedeu imediatamente a um inquerito.—(Havas).

Os eslovacos querem a autonomia

PRAGA, 29.—A delegação de eslovacos da América, que trouxe os textos originais do tratado de Pittsburgh, teve uma recepção triunfal na cidade de Ruzombrook, feudo de monsenhor Hlinka, chefe do partido populista autonomo eslovaco. Houve manifestações entusiásticas a favor da autonomia dos eslovacos. Depois da cerimónia da entrega solene dos textos do tratado e da execução dos hinos americano e eslovaco, monsenhor Hlinka pronunciou um discurso em que disse: «Prometo aos eslovacos americanos defender até à última gota de sangue a ideia da autonomia».

Seguidamente, falou o chefe da delegação americana, dr. Hlenko, que disse entre outras cousas:

«Queremos que a Boémia pertença aos checos e a Eslováquia aos eslovacos. Todos os eslovacos que vivem na América o desejam».—(Havas).

A atitude dos Estados Unidos

PARIS, 29.—O «Petit Parisien» escreve, a propósito da declaração de Hull: «A América não quer a desordem geral, que não deixaria de provocar um conflito sangrento. Ao mesmo tempo que faz esta afirmação, Hull coloca-se moralmente ao lado dos que se esforçam por manter a ordem e a paz. Isto representa—diz—para a França e a Grã-Bretanha enorme auxílio na sua obra de conciliação e de pacificação que as duas potências prosseguem e prosseguirão em plena harmonia e com coragem indomável».—(Havas).

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, dando-se o máximo do seu valor na casa de penhoras

MONTE AUXILIAR

177—Av. Duque d'Avila—179
Telef. 46209

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Franco telegrafou a Mussolini e ao rei

por ser hoje o dia

da solidariedade italo-espanhola

BURGOS, 29.—O telegrama do generalissimo Franco ao rei de Itália exprime áquele soberano vivos sentimentos de afecto, pela fraterna amizade que unem as duas nações chamadas a cumprir os altos designios em defesa da mesma civilização.

Noutro telegrama, dirigido a Mussolini, Franco envia-lhe o testemunho da sua satisfação e da do povo espanhol, pelos actos de solidariedade italo-espanhola que exteriorizam a compreensão e o afecto do povo italiano, restaurado na sua grandeza imperial, pelo movimento da Espanha nacional que afirma vitoriosamente a grandeza da sua missão histórica.

Por sua vez, o ministro do Interior espanhol telegrafou ao ministro da Cultura italiano, dizendo-lhe que, por ocasião da jornada de amizade italo-espanhola, lhe era grato expressar-lhe a sua cordial simpatia e a da Espanha pela irmã latina que combate por por uma eterna e comum civilização.—(Havas).

Uma ordem geral aos exercitos espanhóis

SALAMANCA, 29.—Radio Nacional informa: «A ordem geral aos exercitos» que foi ontem assinada em Burgos pelo general Francisco Martín Moreno, diz: «Domingo será celebrada em Itália a grande festa de solidariedade italo-espanhola. Ordeno, pois, que às 11 horas do dia 29, em que se reunirão os nossos amigos italianos para dirigir os seus pensamentos para nós, os espanhóis, nos reunamos igualmente para corresponder a aquele gesto. Será dada uma salva de 21 tiros de canhão nas praças publicas. Nos campos de batalha, as unidades serão reunidas para apresentar armas sendo nessa altura tocados os hinos nacionais italiano e espanhol. Aos hinos seguir-se-ão os gritos de: «Arriba Italia e arriba Espanha». O governo determinou que todos os postos de rádio retransmitam às 11 horas as cerimónias celebradas em Itália, nomeadamente os discursos de Mussolini e do general Millan Astray».—(Havas).

Barcelona bombardeada

BARCELONA, 29.—Esta cidade foi bombardeada duas vezes por aviões, durante a manhã de sábado.—(Havas).

A mobilização em Barcelona

BARCELONA, 29.—Comunicam que o governo Negrin, querendo sacrificar criminosamente novas massas, ordenou a mobilização das classes de 1923, 24 e 25. A notícia produziu grande indignação na zona vermelha. Foi também ordenada a incorporação nas frentes de todos os técnicos de obras publicas, até aos 46 anos, destinados a obras de fortificação. Para a montagem de aviões foi feita um apelo pela rádio para o preenchimento de 480 vagas de praças montadoras.—(D. N. B.).

Foram sabotados varios navios de guerra vermelhos

VALENCIA, 29.—A Frente Popular desta capital dirigiu um angustioso apelo á população levantina destacando a gravidade dos actuais momentos, pelo que «tanto homens como mulheres devem trabalhar sem descanso».

Em Cartagena têm sido presos varios anarco-sindicalistas como supostos implicados em actos de sabotagem descobertos a bordo de varios navios de guerra da frota marxista.—(D. N. B.).

A falta de abastecimentos na Espanha vermelha

PERPINHAO, 28.—O ministro da Governação da Espanha vermelha tem enviado fortes destacamentos de carabineiros para as regiões agricolas, para fiscalizarem a colheita da batata, por se recearem assaltos da população faminta.

A Policia recebeu ordem para fazer fogo sobre os que tentarem apoderar-se da colheita necessaria ao abastecimento do exercito vermelho.—(D. N. B.).

Os seguros dos predios

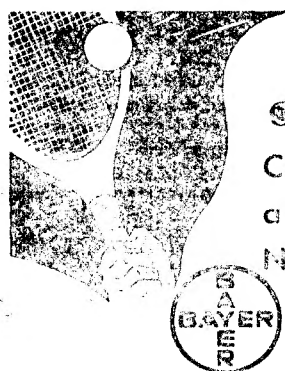
O «Diário do Governo», de 25 deste mês, insere um despacho de S. Ex.^a o Sub-Secretario de Estado das Finanças, com referencia ao disposto no art.^o 604.^o e § 1.^o do novo Código Administrativo, considerando como não seguros os predios que o tenham sido por valor inferior ao da matriz, na parte correspondente á diferença entre o capital seguro e o referido valor matricial quando essa diferença vá além de 15 0/0 deste ultimo valor.

Em consequencia deste despacho os proprietários que não tenham, ainda, os seus predios seguros, devem, segurá-los e aqueles que os tenham segurado por valor inferior ao da matriz devem efectuar o seguro da diferença, para que no caso dum sinistro se possam considerar inteiramente a coberto pela apólice, nos termos da lei, e, também, para que fiquem completamente isentos do pagamento do imposto municipal para o serviço de incendios.

Podemos informar os nossos leitores de que, tanto o seguro dos predios que ainda o não tenham, como o seguro das diferenças de valor a que se refere o citado despacho, podem ser efectuados na Companhia de Seguros Ultramarina, legalmente autorizada para a sua realização e cujo credito e situação financeira oferecem inteira confiança. Esta Companhia prestará todos os esclarecimentos a quem lhos solicite na sua sede, rua da Prata 108, 1.^o, 2.^o e 3.^o andares, ou pelos telefones 2 3348 ou 2 5743 enviando, também, a pedido das pessoas interessadas empregados competentes para a regularização de tais seguros.

Água das LOMBADAS

Pelo seu anidrido carbonico estimula as funções gastricas e, pela sua fraca mineralização, aumenta a diurese



Elasticidade

significa bem estar

Cabeça clara e certeza de golpe dão a vitória, tanto no jogo como na vida.

Não hesite — livre-se de dores pela

Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA

Tem interesse nas suas fotografias?

confie os seus rolos

a Garcez, L.^{da}

Chiado

VARIEDADES
HOJE

Duas Sessões

A Revista com BEATRIZ COSTA

SEMPRE EM PÉ!

Ecos

ESTE bom homem, Antonio de Moraes, do lugar do Cidral, em Rio Maior, e habitante de Lisboa, para onde se achegou em rapaz — deve ser o cidadão mais velho de todo o Portugal.

«Esquecido da Morte» — lhe chama Rocha Martins. A morte não o deve ter esquecido; limita-se, talvez, a ser-lhe indiferente: «Já viveu tanto; já agora que continue... a durar».

O sr. Antonio Moraes «dura». Tem 112 anos, cumpridos a 25 de março último. Veio para Lisboa trabalhar no ano de 1846, tinha já vinte anos!

Não se pretende, evidentemente, que o sr. Moraes tenha a memória de um contabilista, mas conversa e relembra episódios do tempo do «Senhor D. Miguel».

Vive pobríssimo no bairro Santos, ao Rego, numa casita de uns parentes. Come com apetite; bebe a sua pinga. E gaba-se de que «foi a aguardente que me salvou da pneumonia».

Tudo isto, repete — supomos — de uma primeira notícia, o «Arquivo Nacional», que publica o retrato do «bom velhote».

Não sabemos o que a «Morte» ou a «Vida» pensam acerca do sr. Antonio de Moraes.

Julgamos que ele merecia uma homenagem — expressa não em palavras mas nalgum acto piedoso e benéfico.

Mas com discreção, quasi em silencio, não vá a Morte ou não vá a Vida irritar-se por lhes chamarem — esquecida.

COM o fim de reduzir o desemprego, a França tem feito nos últimos anos as maiores dificuldades ao renovamento da carta de trabalho aos estrangeiros, sem mesmo olhar se aqueles eram casados com mulheres francesas ou se eram pais de crianças nascidas em França.

Agora, com o novo regulamento do trabalho, foram feitas varias e justas concessões aos estrangeiros residentes em França, ha 10 ou 15 anos, ou casados com mulheres francesas, (embora estas tenham adoptado a nacionalidade do marido), aos pais de crianças nascidas em França, que por lei são franceses até á maior idade, e aqueles que tenham trabalhado consecutivamente e com bom comportamento na mesma casa durante três anos.

FEZ anteontem 78 anos o antigo Presidente da Republica e eminente escritor sr. Manuel Teixeira Gomes, cuja mocidade de espirito tanto apreciamos nos seus trabalhos literarios. Enviamos-lhe, por esse motivo, as nossos mais vivas felicitações, fazendo votos por que continui a gozar perfeita saude de corpo e de espirito, no seu exilio voluntario de Bougie (Argelia).

NA sessão de ontem, em Berlim, da Aliança Internacional de Turismo, foram reconhecidos como legitimamente representantes do Automovel Club de Espanha os enviados nacionalistas, para o que contribuiu decisivamente a intervenção do sr. Roque da Fonseca, delegado do A. C. P.

ENTROU no 9.º ano de publicação o «Diário de Coimbra», de que é director o professor dr. Vergilio Correia. Cumprimos-lhe afectuosamente.

CONTRA-GORGETA

Só hoje, devido aos prementes afazeres da vida, posso responder com saboroso gosto á carta-objectadora que o sr. José Luiz de Saldanha escreveu a respeito do meu artiguinho «Filosofia da gorgêta» inserto no Diário de 11 de maio.

O meu illustre objectador soube resumir fielmente as minhas nótulas criticas sobre a gorgêta. No meu juizo, a abolição da gorgêta justificar-se-ia pelas seguintes razões: 1.ª, «porque a gorgêta depende do «instante psiquico» do dador, do seu estado de alma, do seu bom ou mau humor; 2.ª, porque estabelece uma desigualdade de trato segundo a generosidade ou a sovínice presente no cliente; 3.ª, porque não se generaliza a qualquer classe de trabalhadores; 4.ª, porque quem trabalha quer o justo pagamento do seu esforço e não uma remuneração variavel conforme a generosidade de quem paga; 5.ª, porque não se concebe um trabalho mal remunerado».

A estas considerações contra-opõe o sr. José Luiz de Saldanha a argumentação que segue: a gorgêta é no phenomeno da liberalidade um espontaneo rasgo do coração mediante o qual o dador pretende mostrar a gratidão sentida perante o serviço prestado. Esta seria a verdadeira definição da gorgêta. Longe de abalar as razões que apresentei contra a gorgêta, a carta do meu objectador vem, pelo contrario, reforçá-las ainda mais. Que a gorgêta seja acto espontaneo, sincero, de gratidão, todos o sabem. Simplesmente, aqui se levanta já esta objecção: porque não generalizar então a gorgêta a todas as classes profissionais? Porque ha-de manifestar-se a gratidão do dador só em relação a certa ordem de serviços prestados? A gratidão deveria estender-se sem excepção a toda a especie de serviço executado com perfeição.

Depois, ignora-se que a gorgêta é interpretada por certos beneficiarios como sendo uma obrigação pessoal, um «imperativo categorico» do cliente? Quem viajou em Paris sabe por experiencia propria como a gorgêta é «arrancada» ao cliente (por ambos os sexos) quasi que a fio de espada; a gorgêta dir-se-ia cousa obrigatória e a sua taxa minima um nivel pecuniario fixo, imutavel. E sabe-se porquê.

Umaz vezes porque a gorgêta tem por função completar a triste remuneração do «salario injusto»; outras vezes porque o obreiro, não recebendo sequer um salario mas pagando até ao proprietario para que seja inscrito como empregado, precisa da gorgêta que lhe sirva de salario. Quere dizer, a remuneração do obreiro está dependente do cliente e portanto dos seus caprichosos factores humorais. E' o cliente o verdadeiro «patrão» do trabalhador. O meu illustre objectador entende que na verdade não se pode conceber a gorgêta «desde que ela sirva unicamente para completar a remuneração dum serviço mal pago». Ora não será esta, exactamente, a sua principal função, tal como é considerada entre nós quer pelo dador quer pelo beneficiario?

E depois, se a gorgêta é acto de coração grato que não vexa quem a recebe, por que motivo não se gorgebeiam todos os serviços prestados com perfeição e cortezia? Já o dissemos: ninguém se lembra de gorgebeiar o medico, o professor, o notario, o engenheiro. Ha aqui um subtil aspecto ético-economico da questão, que é mister ponderar. Nos países civilizados, graças a um mais fino progresso dentro da sensibilidade moral, a gorgêta tende a desaparecer.

O obreiro, que fôr visto receber a gorgêta, é ameaçado de ser despedido pelo patrão. Em certos lugares, na verba das despesas do cliente inclui-se a taxa de dez por cento «para o serviço», formula especiosa que disfarça com elegancia a destronada gorgêta.

Quando o sr. José de Saldanha escreve «ha nos tempos presentes uma acentuada tendencia para inovar condenando e pondo de parte usos que a tradição tem arrastados», Sua Excelencia esquece que essa motriz tendencia reformista está na base de todo o verdadeiro progresso. Felizes dos povos que nunca perderam essa tendencia!

Que é o progresso senão um mixto subtil de tradicional e de anti-tradicional, de usos que se perpetuam e de inovações que se substituem a certos usos tornados desusos?

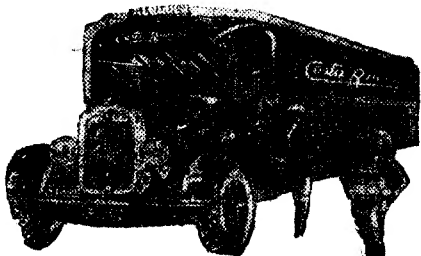
Que é o progresso senão o intimo entrelaçamento da tradição e da revolução?

SILVIO LIMA

«UM POVO EM MARCHA»

Intitulado «Um povo em marcha» Le Portugal au Travail, redigida em português e francês e sob a direcção literaria de um dos nossos mais distintos jornalistas e grafica do artista D. Tomaz de Melo (Tom), enriquecida, ainda, por preciosos desenhos de Manuel Lapa e outros artistas, vai ser brevemente posto em distribuição um grande album glorificador do trabalho português em todos os seus aspectos.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico SEMPRE FIXE.



SINTRA

O Vale de Colares A Praia das Maças

nestes dias de Primavera são os locais preferidos para passear. Frequentes comboios entre o Rossio e Sintra.

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicílio a Domicílio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Juliao, 34, 36
Telef. 1854 Telef. 2 7200

Ecos

AS ossadas de Carlos de Araujo, mestre-capela da Sé, não podem ser recolhidas num jazigo construido para nele repousarem os restos de outro grande maestro Joaquim Casimiro — pela simples razão de esse jazigo não ser da Camara, e nem sequer existir já.

Mario Sampaio Ribeiro — que lançou o apêlo a — «A Voz», e ao qual ha dias nos referimos — escreve agora:

«Quem está disposto a concorrer para a conservação da ossada de um artista de real merito e de um lisboeta insigne em seu mister?

Quem quer contribuir para que se salvem os ossos do homem que serviu a Sé Patriarcal durante oitenta anos consecutivos?

Quem dá uma esmolinha para que se não percam os restos mortais de Augusto Carlos de Araujo, compositor inspirado e cantor admiravel, que deliciou meia Lisboa durante mais de cinquenta anos?».

Trata-se apenas de reunir «materiais» que cheguem para os encargos da traslatação dos restos de Carlos Araujo para um jazigo cedido por um admirador do artista.

METZENER Leone, que é um juvenil e brilhante jornalista, publicou agora um livro de flagrantemente oportunidade: «A Idéa Nova». E' uma obra legionaria, com a sua capa sugestiva, encimada pela Cruz de Aviz, saudada á romana por um moço da «L. P.».

Metzener Leone, numa série de capitulos, de ritmo vibrante, salienta a missão das falanges da «Legião Portuguesa», dando-lhe como centro de inspiração e de expressão a figura de Salazar.

Não ha neste livro uma palavra de odio, embora pertença á chamada literatura de combate. Todos os aspectos de «A Idéa Nova» são versados numa viva e intensa doutrinação, destacando-se o papel activo que nela tem a «Legião Portuguesa».

ESTÁ publicado o n.º 3 da «Revista de Portugal», a grande revista de cultura literaria de que é director Victorino Nemésio. Insere colaboração de Manuel Laranjeira, Sarah Afonso, Jules Supervielle, Cecilia Meireles, Miguel Torga, João Falco, Aquilino Ribeiro, Diogo de Macedo, Antonio Madeira, Sant'Ana Dionisio, José Mariño, Francisco Bugalho, Vieira da Silva, Polibio Gomes dos Santos, Mario Dionisio, Fernando Amado, José Régio, Aurelio Quintanilha, Adolfo Casais Monteiro, etc.

JA está á venda nas livrarias o terceiro volume da «Colecção de Autores Modernos Portugueses», dirigida pelo nosso critico literario João Gaspar Simões. Intitula-se «Bussola Doida». E' um romance, meio analitico meio lirico, de que é autor Aleixo Ribeiro. E' de esperar que obtenha o exito dos dois volumes já publicados «Nome de Guerra», de José de Almada Negreiros, e «Caminhos Magnéticos», de Antonio Madeira.

O NOSSO prestado colega «O Seculo Ilustrado» publicou ontem um interessante numero especial de cerca de 80 páginas dedicado ao XII aniversario do 28 de Maio.

Profusamente illustrado com excelentes gravuras que documentam a obra construtiva do Estado Novo, o referido numero tem ainda a valorizada-lo um belo retrato a cores do sr. dr. Oliveira Salazar, devido ao pincel do illustre artista Martins Barata.

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Mafra, condessa de Mahem; baronesa de Cadore, D. Helena de Mascarenhas Gentil Quina, D. Maria Luiza Rebelo de Andrade, D. Maria Inês de Castro Araújo Lemos e Alvim, D. Rosa Filipa Ramalho Esquivel, D. Maria Carolina Trinite Rosa e D. Vera Robins.

CASAMENTOS

Na paróquia de S. Vicente, celebrou-se o casamento da sr. D. Elvira Maria Vieira, com o sr. José Pedro Gracio, servindo de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Celeste Pais da Silva e o sr. Antonio Pais da Silva, e por parte do noivo, a sr.ª D. Judite de Jesus Gracio e o sr. Joaquim Pedro Gracio.

Finda a cerimonia, foi servido um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande numero de artisticas prendas.

A CARIDADE

No Palacio Sabrosa

Esta tarde, voltaram a ser muito frequentados os jardins do antigo Palacio Sabrosa, á praça Marquês de Pombal, onde proseguiram as festas do «Arraial Popular» de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade leva a efeito a favor de varias obras de beneficencia. O mesmo succederá, sem duvida, esta noite.

Amanhã á noite, encerrar-se-á o «Arraial Popular», sendo de esperar que volte a ser elegantemente concorrido.

DOENTES

No Pavilhão da Familia Militar do Hospital da Estrela foi operado, com muito êxito, pelo distinto cirurgião sr. dr. Sacadura Botte, o sr. tenente Manuel Maria Ferreira Sopas.

Pastelaria Luso-Americana

Lanches para casamentos e baptizados
Av. Almirante Reis, 146-A—Tel. 4 7765

CONFERENCIAS

Durante o mês de junho effectuar-se-ão na rua de S. Paulo, 104, 2.º, ás 21 e 30, promovidas pela Sociedade Naturista Portuguesa, para cultura integral da vida humana, as seguintes conferencias com entrada publica, ás segundas feiras: dia 6—«A fisionomia e o caracter humano (Biotipos fisionomicos)», pelo dr. Santos Freitas; dia 13—«Relação de verão com o Naturismo», pelo dr. Braz Nogueira; dia 20—«Na tua escrita o teu caracter—Estado actual da Grafologia», pelo dr. Moreno da Fonseca; dia 27—«As forças ocultas da Natureza», pelo sr. Bonifacio Antunes.

Pela natureza dos assuntos e pelo nome dos oradores, estas conferencias culturais promovidas por uma colectividade que se destaca entre as de Educação Física, merecem o interesse das pessoas estudiosas que prezem a sua saúde.

Edições da «Renascença Grafica»

RUA DA ROSA, 57, 2.º

Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOÃO PAULO FREIRE (Mario) 20\$00

MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... por NORBERTO LOPES 10\$00

O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES 8\$00

ALBUM DE CARICATURAS por FRANCISCO VALENÇA 10\$00

PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO 10\$00

Pedidos á Administração do «Diário de Lisboa».

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

S. A. R. L.

DIVISÃO DE MATERIAL E TRACÇÃO

Serviço de Abastecimentos

Chapas de cobre para caldeiras de locomotivas

Perante a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses está aberto concurso para o fornecimento deste artigo.

Os fabricantes portugueses que desejam concorrer têm patentes em Lisboa, na Divisão de Material e Tracção, Serviço de Abastecimentos, Santa Apolonia, em todos os dias uteis das 10 ás 13 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sabados as respectivas condições e os mais elementos de informação.

As propostas são recebidas até ás 15 horas do dia 3 de junho proximo futuro.

Os concorrentes deverão enviar, em carta registada, uma copia da sua proposta á Direcção Geral das Industrias.

Lisboa, 12 de maio de 1938.

O Director Geral da Companhia,
A. de Lima Henriques.

TEMAS ARTISTICOS

O culto pela musica na civilização oriental

Em boa pedagogia há uma doutrina que convem não esquecer: é pela repetição que os factos e as idéas se fixam.

E assim, repetimos hoje o que há dias escrevemos: «a Musica encontra-se no Universo pelas leis da fisica e da matematica; e no organismo humano representada pelos aparelhos auditivo e vocal».

Só assim se explica logicamente que o culto pela Musica em toda a civilização oriental fosse um facto digno de menção entre todas as classes, desde as mais humildes até ás sacerdotais, que tinham o privilegio do ensino.

A China, povo excepcionalmente conservador, e duma educação estavel a par dos quatro graus do estudo, onde se aprendia a ler e escrever com sentenças e máximas e explicação das mesmas, versificação e estilo, exercicios escritos sobre assuntos poéticos, deu a conhecer um tratado de Musica 2.700 anos A. C.

A preocupação pela musica era de tal natureza que levou os chineses a construir 84 tonalidades ou sistemas, pela transposição da escala fundamental de doze graus.

Nos principios do seculo XII desenvolveu-se entre os letrados o gosto pela teoria musical.

Ishai-Guên-Ting (1136-96) publicou um importante tratado de Musica, sendo a Biblioteca de Paris rica em obras chinesas acerca da musica, cultivada pelo povo e pelos nobres.

Na India, cuja sociedade se dividia em varias classes, ou castas, todos cultivavam a musica, desde a classe inferior que não podia aprender a ler e escrever, até os sacerdotes, que tinham o privilegio de estudar as ciencias.

Civa, supremo deus, disse: prefiro o canto e a musica dos instrumentos a milhares de orações.

O som foi concebido como meio criador, fazendo parte da mitologia, personificado na deusa Sarawasti, e é representada tocando um instrumento semelhante ao alaude.

Os indios tiveram sempre grande predilecção pela musica, que tinha origem divina e poder mágico.

Vários deuses da sua religião são representados tocando instrumentos. 700 anos A. C. era Budha citado como tocador de «vina».

A musica progrediu nas varias épocas da historia indiu, védica, clássica e moderna, contando á volta de três mil anos de existencia, transmitida de pais para filhos.

Os tratadistas indus estabeleceram regras para a construção de frase musical, distinguindo o «jato», hino religioso e a «raga» forma melódica identica ás antfonas do nosso cantochão.

São inumeras as ragas conhecidas, dedicadas a fins diversos, algumas dellas escritas na escala com sete notas.

Os indios conheceram as três familias de instrumentos, percussão corda e sopro, destacando-se a «Vina», cuja invenção é atribuida ao deus «Vareda».

Os poetas eram sempre musicos.

Na Pérsia, onde predominava o espirito religioso, baseado nos preceitos dimanados das divindades, simultaneamente com os costumes luxuosos que até perverteram Pansanias, um

dos grandes herois gregos, o culto da musica foi tambem apanágio deste requintado povo, cujo sistema musical tinha bastante analogia com o dos indios.

Na historia Universal de Ibn-Chal-dun, afirma-se que a musica árabe provem da Persia, entrando no imperio muçulmano nos meados do seculo VII, onde foi bem acolhida na corte do califa.

O povo de Israel, em que a educação tinha um fundo absolutamente religioso concretizando a vida em maximas e sentenças, não tinha vocação para as artes. A musica foi, no entanto, a unica arte que os interessou, embora não tivesse para eles origem divina, como a tinha nos outros povos do Oriente.

A musica hebraica atingiu o maior desenvolvimento no tempo do rei David, que foi o periodo mais brilhante da Palestina. O rei David foi compositor de merecimento e deu ás ceremonias do culto a maior importancia, organizando a musica religiosa com caracter oficial.

Dos varios instrumentos usados pelos hebreus, convem destacar aqui o «Schofar», de caracter religioso e guerreiro, feito de chifre, e que ainda hoje se usa nas sinagogas, nas festas do ano novo, em Setembro.

Os caldeus, que se dedicaram á astronomia, fazendo todos os seus conceitos sob o signo dos astros; que dividiram a semana em sete dias tendo o sabado por ultimo, o ano com doze meses e o mês com trinta dias, o dia com vinte e quatro horas, a hora em minutos e estes em segundos, dedicavam grande admiração á escultura e á architectura, mas, pela musica tinham, como os hebreus, uma verdadeira paixão, usando-a para alcançar a benevolencia dos deuses a quem cantavam hinos e dedicavam instrumentos.

Para se ter uma idéa bem precisa do valor da musica nestes tempos, basta saber-se que os musicos eram colocados a seguir aos deuses e aos reis, acima de todo o funcionalismo.

O rei tinha ao seu serviço uma orquestra cujo chefe era igualado ao mordomo-mór.

Os assirios, cruéis para os vencidos poupavam os musicos das terras conquistadas, e davam-lhes tanta importancia que, ao rei da Assiria, o terrível Senaquerib, foram oferecidos os musicos de Ezequias, rei de Judá, para não destruir Jerusalem.

No Egito, cuja divisão da sociedade era semelhante aos indios e havia a doutrina de que os filhos tinham de seguir a profissão dos pais, em qualquer das corporações havia o culto pela musica.

No principal collegio sacerdotal, em Klauuu (a Hermopolis dos gregos) a par de se ensinar aos homens a aritmética, a agrimensura, a oratória e o desenho, tambem se ensinavam as leis da musica.

Em Mentis havia uma grande escola para cantores, os quais eram muito apreciados pelas altas individualidades.

Na psicologia egípcia, predominava o conceito do poder criador da palavra, porém esta só adquiria todo o seu valor quando entoada ou cantada musicalmente. E daí o poder mágico da

musica, não só para os egípcios como para os outros povos da antiguidade, havendo cantos mágicos para provocar a simpatia, o amor, a vingança e afugentar os demonios, etc.

A crença universal do poder mágico da musica, funda-se na idéa de que as leis da arte musical se identificam com as leis do mundo e ainda com a vida moral do homem.

Foram assim os egípcios os precursores de todos os outros povos do Oriente e do Ocidente no conhecimento dos efeitos psico-fisiológicos da musica, que os grandes filósofos gregos aproveitaram e, que, nos tempos modernos, muito tem preocupado varios homens de ciencia.

A arte dos sons teve, no país dos Faraós, uma alta importancia social e educativa. Havia a musica liturgica que fazia parte do culto, a musica profana nascida do espirito popular e ainda a musica para os guerreiros, que marchavam ao som de trombetas, tambores, etc.

Da grande importancia da musica no Egito são uma prova os baixos relevos dos tumulos e dos palacios reais.

Os textos hieroglíficos e hieráticos fazem referencia á musica, aos musicos e aos instrumentos que já constituíam três familias, percussão, corda e sopro, que foram comuns a todos os povos da antiguidade.

O imperio dos muçulmanos, que, depois da conquista do Oriente, em 709, lançou as vistas para Espanha, onde triunfaram, auxiliados pelos visigodos desastados aos chefes, e pelos judeus muito numerosos na Península, aqui se conservaram e desenvolveram perto de oito seculos.

Dedicados a todas as ciencias, artes e letras, os arabes, tendo assimilado a cultura helénica em Alexandria e na Persia, em contacto com os filósofos gregos emigrados de Atenas pelo édito de Justiniano, foram dela os melhores propagandistas, traduzindo para a sua lingua, por intermédio dos sirios, toda a sabedoria helénica.

Os grandes nomes de Aristóteles, Euclides e Galeno, etc., foram revelados pelos arabes.

Averroes foi o maior comentador da ciencia aristotélica no Ocidente, como Avicena o fóra no Oriente.

Por intermédio dos arabes se conheceu, no Ocidente, a bussola, os algarismos e a algebra, e, na opinião de certos historiadores tambem a polvora.

Embora os arabes fossem herdeiros da civilização clássica, não tomaram para modelo da sua poesia, os gregos. O seu estilo poético é perfeitamente original, como originaes são as leis do seu Messel com relação á musica.

As teorias do Messel foram expostas por Mahmud Shirasi, nos principios do seculo XIV.

Salvo mais autorizada opinião, é a base das doutrinas em que o sábio humanista e teologo José Larlino (1517-90) discipulo de Wilaert, fundou «as teorias do dualismo harmónico», defendidas mais tarde por: Tartini (1692-1770) Gottfried Weber (1817) Hauptmann (1853) von Ottingen (1866) Tiersch (1863) e por ultimo, Hugo Riemann; em Portugal, nos principios do seculo XVII Antonio Fernandes.

Aos arabes deve o Ocidente o conhecimento de varios instrumentos como o el-ud, o santir e a rebeb, que deram, respectivamente, o alaude, o saltério, de que descende o piano e o violino. O arco tambem foi trazido do Oriente por esse povo.

Os turcos, que estiveram de começo ao serviço dos arabes separaram-se após varias lutas e formaram tambem um império em 1299, criado por Otmane, que deu o seu nome a este povo, que, de conquista em conquista chegou á tomada de Constantinopla, capital do Imperio do Oriente, em 1453, data em que está fixada a Renascença, inicio da idade de ouro da Europa.

Os otomanos, aproveitando o conhecimento da cultura árabe, dedicaram-se tambem ao culto pela musica, com aspecto popular e erudito.

A Sociedade Internacional de Musica de Paris, em 1910, inseria um diagrama da escala turca, baseada nos tetracordes gregos.

TEOFILO SAGUER

CALDAS DA FELGUEIRA

Canas (Beira Alta)

Balneario e Grande-Hotel-Club

abertos de 1 de Junho a 15 de Outubro

As melhores aguas medicinaes para a cura das BRONQUITES Únicas para o tratamento das DOENÇAS DO CORAÇÃO, FLEBITES E AFECÇÕES DA PELE

Absolutamente regularizadoras da TENSÃO ARTERIAL

As de maior radio-actividade

Informações, em Lisboa — Rua do Ouro, 273

MAPLES

ULTIMOS MODELOS, A 125\$00

Marceneiro & Decorador

Só na ANTIGA CASA SOARES & COELHO
R. Academica das Ciencias, 21 (ao Seculo) T. 26550

Tilia da Australia

A MELHOR QUALIDADE

Vende PEROLA S. DOMINGOS

331 - R. dos Correeiros - 331

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

E' amanhã que se estreia, no Tivoli, o ultimo filme de Joan Crawford: «A noiva vermelha». Esta criação da grande artista é bastante bizarra e imprevisível. Crawford, dá-nos uma mulher, com dois aspectos, ou antes com duas almas, qual delas a mais vibrante e intensa. Quando é, que ela, é verdadeira? «A noiva vermelha» pode considerar-se materia nova em cinema. O assunto não deixa de ser arrojado, sobretudo no contraste dos ambientes. Felina, sumptuosa, implacável com os homens, Crawford mais uma vez envenena de paixão o coração das multidões. As mulheres vão aplaudir, e os homens, subjugados ao seu encanto fascinante, admirá-la num mixto de amor e de odio.

Atrás do reposteiro

Valerio de Rajanto vai interpretar na sua peça «A Conquista de Lisboa aos mouros», o papel de «D. Afonso Henriques», que fora distribuido ao seu colega Clemente Pinto que, por motivos alheios á sua vontade, se viu forçado a desistir de participar deste espectáculo.

—Faz amanhã anos a eminente actriz Palmira Bastos.

—«Tiês Abexins», autores da revista do Apolo, «Rebenta a bexiga!» vão escrever uma nova peça deste genero, a que já puseram o título de «O Farta bruto».

—Começaram já, no Parque Mayer, as obras de construção do Teatro Português, ao ar livre, cuja inauguração se fará no proximo mês de julho.

—Está de luto pelo falecimento de seu pai, o cenógrafo Sousa Mendes.

—Estevão Amarante que, só no dia 11 do proximo mês segue para Africa, depois de concluir o filme para que foi contratado, realizará diversos recitais nas principais cidades da nossa Africa Oriental e Ocidental.

—Começam depois de amanhã os preparativos para a «lounée» que a companhia Mirita Casimiro vai realizar ao Brasil, erguendo todas as peças que faltam remontar no seu repertorio.

—Sai amanhã, da casa de saúde das Amoreiras, onde foi operado pelo sr. dr. Mario Conde, o cenógrafo Baltazar Rodrigues, já em franca convalescença.

—A companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro termina amanhã, no Sá da Bandeira, do Porto, as representações da peça do sr. dr. Ramada Curto, «Recompensa».

—Na revista «Sempre em pé!» que esta noite sobe á cena no Variedades, pela companhia Beatriz Costa, estreiam-se o pequeno artista Dardo Vilar (Fred Astaire em miniatura) e José Manuel (o Rei do Cavaquinho).

—Começam amanhã as negociações para a reabertura, no proximo mês, de mais dois teatros sem Lisboa, com programas e espectáculos de verão.

—Irene Izidro fechou ontem contrato com a empresa dum teatro popular, onde vai ser primeira figura duma companhia de revistas. Antes, porém, fará num outro teatro, uma temporada de espectáculos de comedia.

—O guarda-roupa com que será vestida a pe-

ça historica, de Valerio de Rajanto, «A conquista de Lisboa aos mouros», é todo novo, confeccionado especialmente, comportando cerca de 220 fatos.

«Sempre em pé!»

A nova revista do Variedades, em que Beatriz Costa reaparece ao publico, estreia-se esta noite

Definitivamente, é hoje que, ás 20 e 45 e 23 horas, se efectua, no Variedades, a estreia da nova revista, em 2 actos e 21 quadros «Sempre em pé!», original de Fernando Santos, Lourenço Rodrigues e Xavier de Magalhães, musicada pelos maestros Raul Portela, Raul Ferrão, Antonio Lopes e Jaime Mendes, realização de Piero, na qual reaparece, neste genero de espectáculos a querida «vedeta» da alegria Beatriz Costa. O «compadre» vai ser interpretado por Santos Carvalho (Ricardo), fazendo igualmente a sua reaparição neste teatro o brilhante actor comico Augusto Costa (Costa-ahá).

Actualidades

7 filmes novos esta semana

A NOIVA VERMELHA (Amanha, no Tivoli.)

—Joan Crawford, Robert Young, Franchot Tene, Billie Burke e Reginald Owen, dirigidos por Dorothy Arzner, formam a equipe artistica deste espi-rituoso filme, cuja fúria e o humorismo não excluem a ternura e o encanto.

GLORIA DE MANDAR (Terça-feira, no S. Luiz.)

—Uma película que se não parece com nenhuma outra. O ultimo filme em que vemos a desditosa Jean Harlow. Emoção delicada e profunda. Recordação inesquecível. Paixões ardentes. A seu lado: Spencer Tracy, Joseph Calaya, Mickey Rooney e Una Merkel. Realização de J. Walter Ruben.

A RAINHA DA SELVA (Quarta-feira, no Coliseu.)

—Filme de aventuras em 24 partes, com o famoso atleta Giant Withers, vencedor de diversas competições nas ultimas Olimpíadas, e a formosa Betty Jane Rhodes, cognominada de «a deusa dos leões». A acção passa-se em plena floresta africana e entre animais ferozes. Realização de Ford Beebe e Cliff Smith.

INJUSTA ACUSAÇÃO (Quarta-feira, no Odéon e Palácio.)

—Reaparição entre nós e nesta época do famoso actor inglês Clive Brook, numa comedia que nos prende a atenção desde as primeiras imagens e que nos emociona num crescendo constante. Realização de Tim Whelan. Outros artistas: Ann Todd e Margarette Scott.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — DOMINGO — HOJE

A's 21 e 23 horas

Ultimas — Representações — Ultimas!

da grande opereta popular

Coração de Alfama

com Mirita, Vasco Santana, Antonio Silva e Barroso Lopes

NÃO HIA AMOR COMO O PRIMEIRO

(Quarta-feira, no Odéon e Palácio).—Será, mas... a verdade é que são poucos aqueles que casam com o seu primeiro amor. Vejamos como eles defendem a tese. Direcção de Arthur Ripley, com Henry Fonde, Joan Bennett e Allan Marshall.

CULPADO OU NAO? (Quinta-feira, no Politeama).—Um filme de intensa emoção pimentada até orientado por Harry Lachman com Richard Dix e Joan Peary.

O ROUBO MISTERIOSO (Quinta-feira, no Politeama).—Não desejamos desvendar o segredo. Lembremos simplesmente que o filme tem grande interesse. Protagonistas: Jean Arthur, Joel Mac Creel. Direcção Edward Ludwig.

O Centul faz «dépêche» de dois dos seus melhores filmes apresentados esta época: *Luta de consciencia*, com Lil Dagover e *Missão Perigosa* com Renato Muller. No dia 31 do corrente fecha a temporada para reabrir em 1 de outubro.

O Conde, mantem na tela o popular comico Fernando no engraçado filme *Herói á Força*.—O Eden não fixou ainda o programa que estreia na proxima sexta-feira. Possivelmente, será um filme de arte, extraído duma obra dum dos maiores genios mundiais e dirigida por um grande «metteur en scène» europeu.

CARTAZ

TEATROS

APOLLO—A's 20 e 45 e ás 23.—«Rebenta a bexiga!».

COLISEU—A's 21 e ás 23.—«O Coração de Alfama».

MARIA VITORIA—A's 21 e ás 23.—«O Juízo do Ano».

VARIEDADES—A's 20 e 45 e ás 23.—«Sempre em pé».

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.

TIVOLI—A's 21 e 30.

EDEN-TEATRO—A's 21 e 30.

POLITEAMA—A's 21 e 15.

TRINDADE—A's 21 e 30.

CONDES—A's 21 e 30.

CAPITOLIO—A's 21.

CENTRAL—A's 21 e 30.

CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.

JARDIM CINEMA—A's 21.

LYS—A's 21 e 15.

ODEON—A's 21 e 15.

OLIMPIA—A's 14 e 30 e ás 21.

PALACIO—A's 21 e 30.

PARIS—A's 21 e 30.

REX—A's 21.

ROYAL—A's 21.

TEATRO PORTUGUEZ—A's 21 e 30.

VARIEDADES—A's 20 e 45 e ás 23.—«Sempre em pé».

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

WELLS—A's 21 e 30.

O progresso nos caminhos de ferro

Visto o exito obtido em França pelo comboio aerodinamico que conseguiu vencer o trajecto Paris-Marselha (863 quilómetros) em nove horas, os caminhos de ferro substituiram a automotora extra-rápida, Paris-Lyon, por um comboio aerodinamico e a contento dos passageiros, que realízam dessa maneira a viagem com menos trepidação e com mais comodidade.

Nota curiosa: a Companhia, tendo deixado de cobrar um pequeno suplemento nos bilhetes do 2.ª classe no aerodinamico Paris-Marselha, viu aumentar sensivelmente o numero de passageiros neste comboio, pelo que teve que lhe ampliar a composição. «Infelizmente, comenta o jornal donde tiramos estas notas, com o aumento das tarifas, os passageiros de 1.ª classe quasi desapareceram e os de 2.ª são cada vez mais raros.

Todavia o affluxo ao aerodinamico Paris-Marselha prova bem que o publico gosta que dêem facilidades e os caminhos de ferro assim o compreenderam, porque enquanto na terceira classe o aumento se elevou a 57 0/0 e na segunda a 43 0/0, na primeira foi apenas de 33 0/0. Parece, porém, que os passageiros ainda acham caro, pois passaram quasi todos a viajar democraticamente em 3.ª classe, o que de resto já vem de longe, visto que, ha uns 10 anos, mais de metade dos comboios rápidos que circulam entre Paris e Marselha era destinada exclusivamente aos passageiros de 1.ª e 2.ª classe e alguns mesmo só aos de primeira, e hoje, dos 19 comboios rápidos e expressos que circulam nesta linha em cada sentido, 13 têm cartagens das três classes, e apenas 6, de 1.ª e 2.ª, não havendo já nenhuma com serviço exclusivo de primeira classe.

«Devemos ainda dizer, concluiu o articulista, que apesar do enorme aumento que as tarifas ferroviarias sofreram, é ainda o caminho de ferro o que custa mais barato em França, em relação aos preços de antes da guerra».

No «Economiste» de Paris, encontramos uma curiosa historia, que dá uma Idéa dos tempos que vão correndo e de que se podem tirar diversos ensinamentos.

«O Indicador Chaix», que, diga-se de passagem, é um dos melhores guias de caminhos de ferro de toda a Europa, se não o melhor, custava até 1934, edição completa, 7 francos, e publicava-se todas as semanas. Nessa altura a administração resolveu encurtá-lo com o horario dos varios serviços de auto-carros e elevou-lhe o preço para 9 francos, passando a quinzenal. No ano seguinte as companhias de caminhos de ferro sugeriam-lhe umas reformas que logo foram introduzidas, tornando-o um guia completo, mas passando a custar 10 francos e a publicar-se uma vez por mês.

Vieram as leis sociais e o encarecimento da mão de obra, papel, tinta, etc., e o guia subiu para 12 francos e logo depois para 15 e passou a publicar-se de três em três meses. Agora custa 25 francos, nem um centimo a menos e visto o retraimento do publico é natural que o «Guia Chaix» se publique uma vez por ano.

Resumindo, como o Guia pesa um quilo e duzentos gramas e o porte do correio é por isso de 3 francos e 60 centimos, imagine-se, pela consideravel redução da tiragem, o prejuizo para o Estado e para a industria do papel, que deve vender alguns milhares de toneladas a menos, isto sem falar na mão de obra que é de resto, a vítima principal.

Aniversario da batalha do Ameixial

Prossegue com todo o entusiasmo a organização da festa comemorativa do aniversario da batalha do Ameixial, promovida pelo nucleo da «Legião Portuguesa» da cidade de Extremoz.

Do programa dessa festa deve constar a cerimonia do juramento de bandeira pelas batalhões da «Legião Portuguesa» do distrito de Evora e com a possivel participação de contingentes do Exército.

FESTA ACADEMICA

Os finalistas do Instituto Comercial de Lisboa promovem na tarde de 5 de junho, no salão nobre daquele estabelecimento de ensino, na rua das Chagas, 15, um «chá dançante», abrihantado pela orquestra Vitoria, do Aviz Hotel.

Os bilhetes poderão ser pedidos pelo telefon 2 0254.

DESASTRE DE VIAÇÃO

Quando hoje passava na avenida Almirante Reis, foi colhido por um automovel Antonio das Neves Vinhas, de 25 anos, empregado no comercio e residente na rua dos Anjos, 9-B.

Conduzido ao hospital de S. José, deu entrada na sala de observações, visto ter sofrido fractura de uma perna e ferimentos na cabeça.

Raleigh, Thomna, Chandler, Hellos
a prestações mensais e iguais desde 55\$00
Pneus MICHELIN
ARMANDO CRESPO
116 — Rua Crucifixo — 124
Telefone: 2 7027

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ A Irlanda em Fogo
A's 21 e 30
Telef. 71722
Clark Gable e Myrna Loy

CONDES Herói á força
A's 21 e 30
Telef. 2 2523
um filme de gargalhada com o popular Fernando

TRINDADE A carga da Brigada Ligeira
A's 21 e 30
Telef. 2 0000
com Errol Flynn
Cabaret das Maravilhas

EDEN Uma mulher a mais
A's 21 e 30
Telef. 2 0768
com Betty Stockfield e Frances Day
Complementos Vivos n.º 3

Pavilhão Português
A's 21 horas
O Rei dos Espadachins
O homem que se reabilitou

TIVOLI O Emissario de Richelieu
A's 21 e 30
TELEF. 5 0595
Annabelle e Conrad Veldt
Preços de \$300 a 7\$50

ODEON O juramento de Mr. Moto
A's 21 e 15
Telef. 2 6283
filme policial com Peter Lorre no «detective» japonês

PALACIO Sob a metralha
A's 21 e 30
Telef. 4 7163
com Lorette Young, Dom Amecho e Frances Drake

CAPITOLIO Princesa endiabrada Os Filhos do Deserto
A's 21 e 30
Telef. 2 7493
No Terraço e no Salão

ROYAL Horizonte Perdido
A's 21 e 30
Telef. 45037
Panico no ar

CASINO ESTORIL Um homem a meias
A's 21 e 30

POLITEAMA Conheci-o em Paris
A's 21 e 15
Telef. 26305
com Claudette Colbert e Melvyn Douglas
Sob o amparo da lei com William Boyd

CENTRAL Dois filmes de classe NOITES DO ORIENTE 20 milhões de namoradas O melhor espectáculo do dia
A's 21 e 30
Tel. 24381
Soirée ás 21 e 30

PARIS O Prisioneiro do Castelo do Zenda Não me esqueças Os 3 lobinhos
A's 21 h.
Telef. 6 2230

REX Revolução de Malo Vamos dançar O Primo da Provincia
A's 21 e 15
Telef. 2 9656

TERRASSE O ANJO Vivendo na Lua
A's 21 e 15
Tel. 2 0917

LYS O ANJO A Fugitiva
A's 21 e 15
Tel. 4 8560

O DELEGADO DO A. C. P. EM BERLIM

A ALIANÇA INTERNACIONAL DE TURISMO

reunir-se-á em Lisboa, em 1940

BERLIM, 28 — O Congresso da Aliança Internacional de Turismo, com a assistência de 125 delegados, que representam 45 países, tomou importantes deliberações.

No Congresso tomou parte, como delegado do Automovel Club de Portugal, o sr. Roque da Fonseca, que pronunciou o seguinte discurso:

«Começo por vos apresentar as saudações cordiais dos meus colegas de direcção do Automovel Club de Portugal, e, em especial, as do seu prestigioso presidente, sr. conde de Monte Real.

Quando tive o prazer de estar entre vós, em 1935, na assembleia reunida em Budapeste, tive a honra de ver aceite, com um entusiasmo que me desvaneceu, o convite que, na qualidade de representante do Automovel Club de Portugal, vos dirigi, para reunirdes em Lisboa o vosso Congresso de 1936.

Lamentáveis circunstâncias superiores à vossa vontade e à nossa, roubaram aos portugueses a honra de vos receber então como hóspedes. E, fugindo a uma Europa inquieta, fostes deabalada até Marrocos, em busca de uma tranquilidade propícia aos vossos trabalhos.

Ai encontreis, decerto, muitas coisas feitas pela Natureza e pelo homem capazes de vos encantar os olhos e o espírito. Mas aí encontraste também alguma coisa mais: os traços indeleveis da acção dos portugueses de outrora, que, sentindo-se grandes de mais para a pequena nesga de território que possuíam na Europa, se lançaram por esse Mundo além, a descobri-lo, a conquistá-lo, a civilizá-lo.

Vistes, nas pedras vetustas dessas praças de Mazagam, Tanger, Casablanca e Azemmour—que depois havíamos de abandonar para irmos mais além—o que foram aqueles que fizeram do pequeno Portugal de menos de dois milhões de habitantes, a cabeça dum dos maiores impérios do Mundo.

Breve, no ano de 1940 vai a Nação portuguesa celebrar o VIII centenario da sua fundação e o III da restauração da sua independência.

A celebração desses centenarios que re Salazar, o chefe que é honra duma Nação e se impõe a portugueses e estrangeiros como uma das mais altas figuras do mundo contemporaneo, que sejam uma demonstração eloquente e grandiosa de que o Portugal de hoje é o digno herdeiro do Portugal de antanho.

Aqueles que nos visitarem, terão ocasião de ver alguma coisa mais do que

as belezas naturais e artisticas que fazem de Portugal um pequeno-grande país de turismo; verificarão também como é possível, em tempos tão intranquilos, fazer uma profunda revolução na paz: revolução política, economica, financeira, social e moral, que leva um povo, cujas virtudes e qualidades os erros dum passado recente haviam adormecido, a sair desse letargo, operando uma grande obra de ressurgimento, obra de reconquista da nação pela nação, na aura do seu prestigio internacional renascido!

São estas razões bastantes para que, em nome do Automovel Club de Portugal, a primeira colectividade turistica e desportiva do meu País, venha solicitar-vos que fixeis, em definitivo, para 1940, a visita a Portugal que, desde -936 vem sendo adiada por causa da tragedia da nação espanhola, que, embora caminhando decisivamente para o seu fim, bem pode arrastar-se ainda por mais algum tempo.

Acceptando para o ano proximo o convite de um daqueles que, tanto como nós, desejam ter a honra de vos receber como hóspedes, podeis fazê-lo com a certeza de que, um ano após, Portugal e os portugueses vos aguardarão de braços abertos.»

O discurso do representante do A. C. P. foi muito aplaudido e provocou referencias elogiosas a Portugal e aos srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, e o Congresso aprovou a sugestão feita no sentido de reunir em Portugal, no ano de 1940, a fim de coincidir com as festas do duplo centenario da fundação e da independencia de Portugal.

O sr. Roque da Fonseca segue de Berlim para Estocolmo, onde representará o A. C. P. na assembleia geral dos Automoveis Clubes Reconhecidos.

Realiza-se amanhã a conferencia sobre os «Vencidos da Vida»

É amanhã, ás 18 horas, que no teatro Nacional, se realiza a conferencia de Veva de Lima, sobre «Os Vencidos da Vida».

A categoria mental da conferencista, o seu espirito original e admiravel, o interesse do assumto e o objectivo da conferencia—protecção aos pobres da serra de Monsanto—são outros tantos motivos para que a casa de Garrett se encha amanhã á tarde dum numero e escolhido publico.

COISAS DA GUINE

Colonizar—Como?

Quem nestas paragens vive como eu, sem a familia,—coisa que eu não aconselharia ao meu maior inimigo—sem, portanto, esse indispensavel amparo moral; quem também como eu, desejoso de produzir e ser util, não encontrou nas obrigações do seu cargo, ensejo de, pelo trabalho, fazer passar as longas horas de ocio e aborrecimento, procura, para esse mal, lenitivos na leitura de um bom livro, ou nas noticias, que a T. S. F. nos transmite, das pessoas que no-las dão de tão longe, tanto melhor escutadas quanto elas mais perto estão da terra onde deixámos amigos e pessoas queridas.

Nestes ultimos dias, a proposito da semana das Colonias, ouvimos pela telefonia e já lemos em alguns jornais chegados da Metropole, falar-se muito da colonização, do amor ás Colonias, do seu desenvolvimento, de tudo enfim que seja enaltecer o nosso poderio colonial. Escrevem-se maravilhas, escutam-se frases de efeito surpreendente, mas, praticamente, pouco, ou muito pouco se tem ainda adiantado sobre materia de colonização.

Pelo menos, nesta colonia, onde ha seis meses que a habito e tive ocasião, pelo meu cargo, de a percorrer quasi toda mais de uma vez, não vejo facilitada a colonização necessaria ao europeu, o que evitaria o exodo de tanta gente portuguesa, de tantos braços vigorosos, dados a terras de estrangeiros. Meia duzia de enormes esforços de quem dirige, ou dos seus poucos cooperadores, que lutam constantemente com a falta de quem seja capaz de completar uma obra.

Refiro-me ao que se passa na Guiné, pois outra colonia africana não conheço, com bastante pena, mas julgo, pelo que tenho ouvido, que o problema da colonização tem preocupado mais ou menos todas elas.

Ao vir para aqui, trazia na minha bagagem um sem numero de cartas, memorias, documentação variadissima, toda ela demonstrando o grande desejo dos seus signatarios de virem para a colonia trabalhar, consoante as não menos variadas aptidões para o desempenho de cargos publicos ou particulares. Vinha comigo, no mesmo barco, um antigo aluno meu do Colegio Militar que me disse vir «à consignação» do governador, para ver se lhe arranjavam modo de vida por aqui.

Pois de todos aqueles, cujos pedidos apresentei e demonstravam claramente poderem servir para um aumento de colonização, aproveitando todas as suas maiores ou menores competências e boas vontades de trabalhar,—trazia-os desde o simples operario até o que concluiu a alta classificação o tão falado Curso Superior Colonial—de todos eles, repito, só consegui trazer para a colonia um carpinteiro-marceneiro que, por gentileza de um engenheiro empreiteiro das obras que aqui têm tido um desenvolvimento enorme, obteve contracto e aqui se encontra já! Aos restantes, por indicação do governador, a eterna e unica resposta: que se dirijam ao ministerio das Colonias, ou a Agencia Geral das Colonias, para indagarem da abertura ou que possivelmente se forem dando, dos papéis necessarios e a apresentar, da data das provas a efectuar, das aptidões exigidas etc., etc., pois que só assim poderiam ter occasião de vir trabalhar para as Colonias.

Claro que eu já sei do desanimo que se apoderou deles da descrença em conseguir os «padriões» indispensaveis para poderem ser atendidos por esses ministerios e até, quem sabe, da convicção de que eu não me interessaria o bastante, para eles poderem vir trabalhar na tal apregoada e indispensavel obra de ressurgimento das nossas Colonias. Pois se até aquele meu companheiro de viagem, com o 5º ano do curso do Colegio Militar, ao apresentar-se, esteve condenado a embarcar no mesmo barco em que viera, para ir pelo mesmo caminho!

Lá se lhe conseguiu uma colocaçãozinha nos Correios e Telegrafos, por muito favor, mas já está na contingencia de ter de embarcar novamente e á sua custa, claro, porque já não ha verba para lhe pagarem! E realmente

ninguém se atreve a mandar vir as pessoas para aqui completamente á sorte, á aventura.

Não ha, não existe uma ligação íntima e de realizações praticas, entre os desejos do Governo e o dos que se prontificam a colonizar.

Esta Colonia vive quasi restritamente do negocio de mancarra—em Lisboa, o conhecido amendoim—algum arroz e de pouco mais. Portanto, o comercio e pouco e a industria quasi nenhuma. E como não é, ou antes, não tem sido, uma colonia de fixação, também quasi todos tratam de no menos tempo possivel e sem compromissos que os prendam á colonia, conseguir o maior peculio que possam, transferi-lo para os bancos da Metropole e ir ali gozá-lo. E' humano, é perfeitamente razoavel, se pensarmos que ha ou houve altas personalidades que por aqui passaram, que assim pensam e até, o que é pior, o confessam abertamente: que admira pois que os outros o façam?

Pertence, pois, primeiramente, ao Estado, o principal papel no desempenho de levar a cabo o trabalho e grande obra de colonização e de desenvolvimento do seu poderio colonial, fazendo que os portugueses a admirem e por ela se interessem.

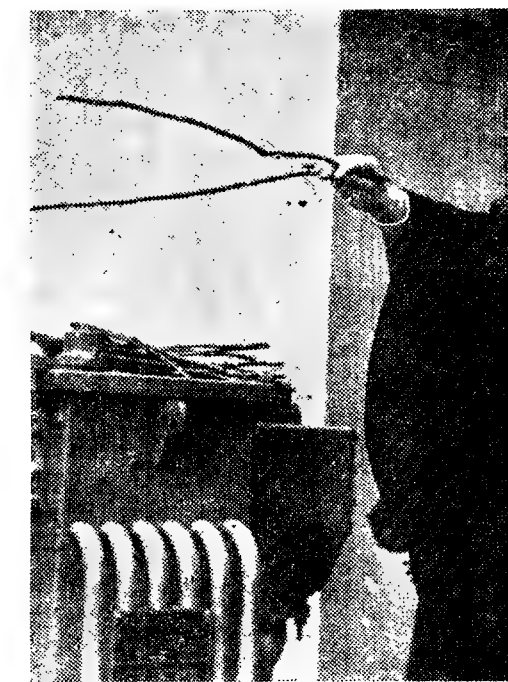
Surpreende-se hoje quem nos visita; mas além dos trabalhos já efectuados e do já enorme desenvolvimento da colonia, em que se faz de facto desaparecer o papão da Guiné, para a indispensavel colonização, é necessario que haja agora um grande plano de fomento a completar essa obra.

E não o existindo, tão necessario ao desenvolvimento em todos os ramos da actividade, dá-se imediatamente o exodo para outras terras, facilitado pelos nocivos agentes da emigração clandestina, principalmente para terras das duas Americas.

Aqui, num ano mau em preço de mancarra, tudo leva as mãos á cabeça! Um ou dois potentados que aqui governam, fazendo a seu prazer a alta ou baixa do produto, vem fazer oscillar toda a governação e perturbar a vida economica da Colonia. Bem sabemos que têm de se acompanhar as cotações, mas também toda a gente conhece o sistema de explorações.

O preto, nos anos maus, recebendo assim apenas o indispensavel—e quando recebe—para pagar os impostos de palhota, já nada mais pode comprar e asfixia o comercio.

LLOYD GEORGE-VE



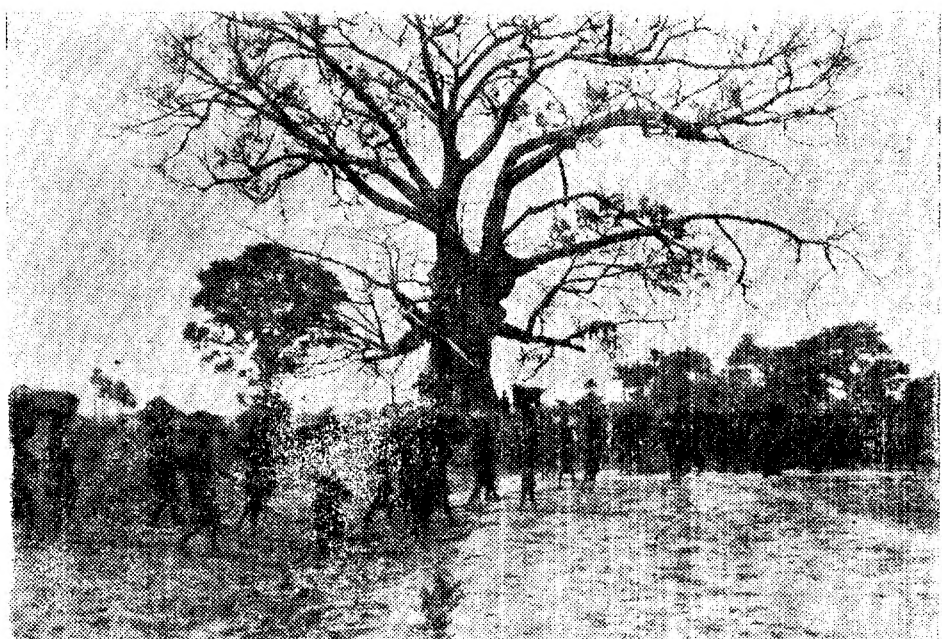
Nos intervalos da sua agitada vida publica, dedica-se a trabalhos agricolas numa quinta que possui. Há dias, o velho politico liberal inaugurou a sua propriedade, para o que, proprio, armado com a varinha usada de a agua borbulhava no sub-solo da fazenda um gesto teatral com o ram

marroco

O NOVO GOVERNO HUNGARO



No terraço do castelo real de Budapeste, dominando o Danubio Azul e a cidade cor de rosa, os membros do novo governo húngaro posam para os fotografos com os seus uniformes e trajos característicos SENTADOS, DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Os srs. Sztranyavszky, conde Teleky, Imrédy, Kanya, Keresztes-Fischer e Homan. EM PÉ, DA ESQUERDA PARA A DIREITA:—Os srs. Remenyi-Schneller, Bornemisza, general Ratz, Mikecz e Barczy



Felupes transportando arroz na circunscrição de S. Domingos

Se houvesse um estudo previo de obras de fomento de todas as suas riquezas, se houvesse a visão de, com esses planos em pratica, poder procurar-se compensação, quando surge esse possível desequilíbrio em qualquer ramo de produção da colonia, no desenvolvimento e melhor produção em qualquer outra riqueza propria, a defesa dos interesses do Estado, do produtor e consumidor, do comercio, da industria e enfim de todo o habitante da Colonia, seria menos aterradora e vivia-se com mais segurança e tranquillidade.

A exploração, por exemplo, de madeiras—que as ha das melhores e muitas mais haveria se por elas se olhasse como era mister e se proibisse «a valer» as enormes queimadas que os indigenas provocam; pavorosos incendios nas matas que chegam a durar dias—e a criação de gado, que em algumas regiões se dá optimamente sem falta de pastagens, seriam duas riquezas a explorar, canalizando para nós a drenagem de ouro que vai para territorios bem mais afastados do que este, da Metropole.

Mas tudo isto é uma cadeia de fuzis e encontramos-nos num ciclo vicioso! Não se produz, porque se não consome e não se consome, porque se não produz!

Os transportes, a-pesar de estarmos a 8 dias de Lisboa, são para aqui mais espaçados e em relação mais caros do que para qualquer outra parte onde

se vá procurar estes produtos. Dizem-nos que a madeira do Brasil—e que a temos aqui tão boa ou melhor do que a de lá—fica mais barata do que a exportada daqui!

E o gado, que poderia sofrer muito menos com o transporte de 8 dias, chega-se a ir buscá-lo ao sul da Africa ou á Argentina perdendo pelo caminho, pelo menos, metade do seu peso!

Aqui, teriamos portanto, uma necessidade enorme, com o desenvolvimento destas duas riquezas, de mandar vir para a Colonia agronomos, veterinarios, regentes agricolas e tanto outro pessoal indispensavel que, não se agarrando ás secretarias das cidades, internando-se pelo interior, iria constituindo as suas granjas com os seus viveiros, os seus estabulos para criação e reprodução de gado, os seus postos agricolas e escolas de ensino ao indigena, admissão de pessoal tecnico, evitando uma maior preocupação do Governo central com o desemprego e seus terriveis efeitos.

Mas, dizem-me tambem: para isso, quantos milhares de contos serão necessários?

Não se têm gasto tantos, com util proveito, na construção de casas, arruamentos, estradas, pontes, etc? Não valerá a pena empregá-los, depois de um estudo consciencioso, oportuno e de rapida execução, entregue a homens de bem e conhecedores destes assuntos, para que, semeando, se colha mais tarde o produto desse sacrificio? Não desenvolveríamos assim melhor a verdadeira colonização, fugindo ao que se observa em quasi toda a gente que procura a colonia, principalmente e com grande percentagem, a colonia caboverdeana que, não tendo a sua terra tão grandes recursos como esta, transportando-se aqui relativamente com pouco dispendio e tendo obtido com facilidade as habilitações do curso do seu liceu, com altas classificações, não vê depois se não o unico recurso de concorrer, com vantagens sobre o europeu, aos lugares de secretaria?

E note-se que, a-pesar de tudo, de tanta gente habilitada com cursos, ouvimos constantemente os chefes de serviço lamentarem-se que lhes falta gente para trabalhar!

Como, pois, colonizar?

O Estado dará o bom e salutar exemplo, como ultimamente tem feito, de fomentar todas as riquezas possíveis desta Colonia, como certamente as das outras, facilitando, pelos meios ao seu alcance, essa colonização; mas, não desejando comercializar nem industrializar por sua conta essas fontes de riqueza—não é essa mesmo a sua função—que traria graves erros e prejuizos para os particulares que vivem desse comercio e dessa industria, desejaria ver, da parte de quem tenha interesses ligados ao desenvolvimento desses negocios, a efectivação de os tomar depois á sua conta, torná-los prosperos e retribuir assim com igual ou mais proveitoso esforço, para a obra de colonização que o Estado iniciou.

Será isto viavel, pratico, ou estarei a dizer asneiras? E' o mais certo.

SALGUEIRO REGO

TEMAS COLONIAIS

A visita presidencial a S. Tomé

Somos nós, incontestavelmente, os pioneiros de regiões selváticas levando a luz civilizadora do velho mundo ás raças primitivas com a preciosa intervenção dos soldados de Cristo, gloria incontestada e jámais esquecida através de todas as emergencias e vicissitudes!...

Somos, portanto, credores desses feitos que a Historia Universal nunca poderá occultar e, por consequencia, com direito moral e juridico, como ninguém, a defender a integridade patrimonial, que com tanta galhardia nos foi legada por uma abençoada geração, só não o reconhecendo qualquer traçoira ambição movida pela mesma avidez insaciavel da devoração do territorio alheio, como feras pela presa!...

As nossas salubres condições de povo independente tantas vezes postas á prova—conquanto vitima do lamentavel jugo de 60 anos—hão-de continuar a pontificar ante o bom senso, ordem e honradez internacional, por maiores que sejam os nossos detractores!...

Portugal triunfante no seu passado historico continua nas mesmas rotas gloriosas de realizações patrióticas, mostrando ao mundo que a sua vida floresce desde a posse do Restaurador de 1928, vai dar mais um passo em frente com a viagem presidencial ás nossas perlas equatoriais do Atlantico e ás terras de Diogo Cão, e com o importante empreendimento da comemoração dos centenários!

Vai a caravana presidencial, sob o arco do triunfo de um Portugal maior, pisar terra sagrada pelo sangue derramado dos filhos deste povo heroico, constituindo mais um bloco lançado para a consolidação da nossa soberania d'Além-Mar, cujo efeito, interessante sob todos os aspectos, representará para brancos e pretos o tónico espiritual da Mãe-Pátria.

Quem, como eu, tenha compartilhado «in loco» de dias festivos em honra de ministros e outras altas dignidades, poderá avaliar a satisfação de todos os habitantes do ultramar, sem distincção de cores, sobretudo quando o Governo se faz ouvir e ouve naquelas longinquas quão inóspitas paragens por um dos seus illustres membros.

Agora que os nossos irmãos d'Além-Mar vão conhecer em pessoa o vene-

rando Chefe do Estado, e este vai conhecer «de visu» o bem-estar de uns e as necessidades de outros, mais garantidos serão os seus interesses e aspirações, pois da palavra sóbria, reflectida e honrada de um espirito superior como é o sr. general Oscar de Carmona, amigo do seu povo, muito ha a esperar.

Sem desprimor para Angola, porque tambem é assaz hospitaleira, S. Tomé e Príncipe tem agora ensino mais que nunca de pôr á prova a sua tradicional fidalguia das sumptuosas recepções com que distingue os seus illustres hospedes e novamente conjugar o engalanado das suas estradas, ruas e edificios com as «nuances» verdejantes da sua flóra, entoando o hino de gloria desde o Pico dominante da Ilha da capital á baía de Ana de Chaves!

Para se fazer uma idéa, ainda que pálida, do brilho e entusiasmo das festas nas terras de Pedro Escobar e João de Santarem, basta recordar o programma da visita do governador de Fernando Po a S. Tomé em 1922, para não me referir á impopularidade do levado a efeito em honra do malogrado D. Luiz Filipe e outros.

Era então governador o sr. dr. Antonio José Pereira e presidente da Camara, por sinal meu irmão Padre Martinho Pinto da Rocha, ainda missionario na mesma colonia. Quando foi exibido o denso e variado programma de 7 dias ao illustre visitante espanhol, este teve a seguinte resposta:

«Quando homens y dias serán necesarios para comportar un tan vasto programa?»

E agora, referindo-me a toda a parte onde chegarem os srs. Presidente da Republica, ministro das Colonias e comitiva, estou certo, serão assistidos do maior carinho e respeito, sem distincção de raças, desde os mais satisfeitos aos que a vida não sorri, visto a sorte andar ligada á semente germinativa da felicidade—embora por vezes em terras áridas...

Tambem os representantes da Imprensa—pioneira do bem comum—terão, como sempre, a hospitalidade e o acolhimento proprios da sua importante missão, como fiéis porta-vozes desses dias festivos no ultramar bem como de tudo quanto pode interessar á Nação.

ANTONIO MARIA DA ROCHA

PAISAGEM ROMANTICA



Nos jardins do Hospital de Chelsea, em Londres, realiza-se todos os anos uma linda exposição de flores, a maior e a mais reputada de quantas se organizam em Inglaterra. Os reis nunca faltam com a sua visita ao interessante certame, que é admirado por milhares de pessoas, pois os seus organizadores capricham em apresentar, ao lado das flores mais deslumbrantes, os mais belos motivos ornamentais. Jorge VI e a rainha Elisabeth pousam para os fotografos, durante a sua visita á exposição num recanto do jardim que é uma delicada aguarela romantica semelhante áquelas que se admiram em velhas estampas inglesas

VEDOR



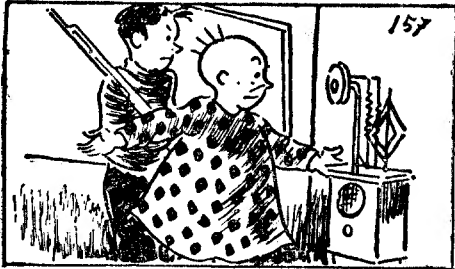
publica, Lloyd George consagra-se a tra-
e possui em Churt, proximo de Londres.
inaugurou um novo sistema de irriga-
que teve de mandar abrir um poço. Ele
usada pelos vedores, marcou o lugar on-
do da quinta. Nesta fotografia, vêmo-lo
ramo, dentro do seu amplo gabão
arroquino

Leiam às quintas-feiras o jornal humorístico
SEMPRE FIXE.

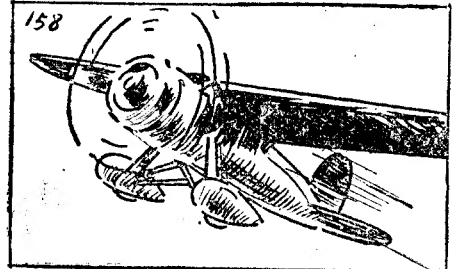
PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANÉCAS Na China

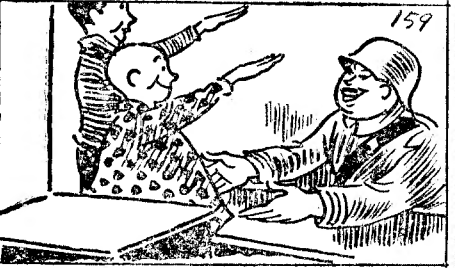
(Continuação)



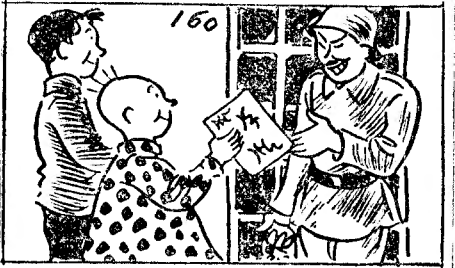
157—Manécas pede pela radio ao pirata-mór que lhe envie um avião ultra-rápido mas sem as suas insignias...



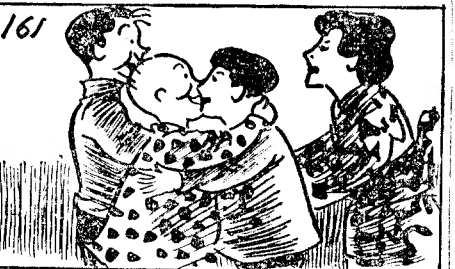
158—E, satisfeito, o seu desejo, parte a 500 á hora para Lin-Pó-Pó, acompanhado pelo Quim.



159—Ao chegar lá, apresenta-se, no quartel-general, ao official de serviço, que é um velho amigo...



160—... e este passa-lhes um salvo-conduto para poderem visitar os presos na cadeia.



161—Os quatro amigos beijam-se com alegria e ternura...



162—... e Manécas, de joelhos, pede ao general em chefe perdão para os dois chinezinhos. Ele, porém, é inexorável: como são filhos do pirata-mór, terão de ser fuzilados!

(Continua)

Sahi, o macaquinho

Sahi, era um macaquinho esperto e engraçado. Viera de Africa havia dois meses e já sentia uma imensa saudade, da sua patria distante; revia com pesar os dias felizes que passara em companhia dos seus, saltitando alegremente de ramo para ramo, ou rindo de alguma partida pregada ao importante leão que andava em busca de um apetitoso «menu». Ele sentia-se tão contente ali, no meio das frondosas arvores de ramadas gigantescas, das plantas exóticas e frageis, naquela floresta sem fim. Sorria em frente do perigo, e os seus olhinhos redondos e vivos observavam com uma atenção misturada de espanto, certos animais, enormes, todos pretos de grandes plumas de avestruz na cabeça, e no «focinho» esquisitos desenhos; tinham também horríveis instrumentos que faziam um barulho ensurdecedor, e receava, mais ainda que o traço de tigre, certos pedacinhos de madeira que davam a morte duma forma terrivelmente rápida. Lembra-se desse sol brilhante e quente, que ao anoitecer parecia uma enorme bola vermelha, do murmúrio suave da aragem que passava, e da lua, essa lua tão bela, tão pura, tão doce que no céu africano parecia brilhar mais. Recorda com tristeza o dia em que o fizeram cair numa armadilha. Mãe nascera a aurora foi procurar alimento, corria de árvore para árvore vertiginosamente, mas parou. Alguma coisa até ali nunca vista o fez saltar para o chão. Um animal que se assemelhava aos outros, pretos e grandes, mas este branco e mais pequeno, e em vez daquelas feias plumas trazia na cabeça um magnifico «pêlo» de ouro que lhe batia até ao dorso; Sahi ficara maravilhado, nunca tinha visto nada mais lindo. Daí a pouco, chegou outro animal da mesma espécie, mas este trazia o corpo coberto por umas vestes muito engraçadas. Disse qualquer coisa ao animal dos pêlos de ouro que saltando um pequeno grunhido olhou para Sahi que se chegou; aqueles não se pareciam nada com os orangotangos que os espantavam e matavam. Como ele esperava, não lhe fizeram mal, nem sequer lhe tocaram. Pensou que o não tinham visto, enganara-se; momentos depois sentiu-se preso, quis fugir, não pôde. Sahi enfureceu-se; os seus olhinhos redondos e vivos injectaram-se-lhe de sangue. Começaram a chegar mais animais. Sahi julgou compreender; já ouvira falar dele com respeito e terror, esse animal branco, sem pêlos no corpo chamava-se homem. Sahi ficou quietinho, sabia que era um bicho que se irritava com facilidade, não fosse ele matá-lo! Entretanto deram-lhe de comer.

Sahi recorda-se de tudo isto.

Sahi está em Lisboa, anda á solta, já conhece todos os cantos á casa, sente-se como senhor absoluto, tanto assim que quando lhe deram uma companhia, em lugar de se mostrar alegre, arreganhava-lhe os dentes; mas o tempo fez deles dois bons amigos.

Sahi, sente-se importante, é já pai de família, três macaquinhos azougados vieram alegrar aquele casal tão considerado na vizinhança, porque Sahi e sua esposa tinham criado relações com os gatos e cães dos quintais das proximidades. Os três garotos chamam-se: Bassu, Castanho e Rirri. Mãe macaca ofendida dizia a Sahi:

—Não sei porquê mas dáis mais mimo ao Bassu.

Sahi, respondia-lhe um pouco irritado:

—É verdade, tu acarinhas mais os outros, sádios e normais e desdenhas o pobre Bassu que é aleijadinho; portanto, tenho que gastar dele por nós dois, amo igualmente os outros meus filhos, mas exactamente por ser este o mais infeliz, é que lhe faço mais carícias.

Mãe macaca calava-se. Intimamente pensava que o marido tinha razão.

Sahi e sua família vão voltar á terra natal. Sahi ainda no vapor já soltava pequenos gritos de alegria, já mostrava aos filhos a sua patria. Mas fica triste, em vez da liberdade que julgava encontrar, davam-lhe uma corrente de ferro. Mas passado tempo soltaram-no; Sahi julgou perceber: como a casa que os seus donos habitavam ficava proximo da floresta, quiseram fazer compreender, a ele, Sahi, que não devia abandonar a casa, ir dar o seu passio sim, mas voltar sempre.

De manhã toda a familia foi para a mata; Castanho e Rirri balouçavam-se nas arvores e riam do pobre Bassu que por causa da sua patinha aleijada, era mais vagaroso. Quando Sahi deu ordem de retirada, Rirri, brincando com a sua cauda revirada, disse:

—Castanho e eu não queremos voltar, é-nos muito mais agradável viver aqui.

—Têm que vir connosco meus filhinhos.

—E para que vão-de vocês voltar?

—Bem vê... —Deixa-me falar—disse Sahi—e virando-se para os dois filhos, respondeu-lhes com severidade:

—Voltamos, porque não somos ingratos, sempre nos trataram bem, tenho-lhes amizade e quero demonstrar que também somos inteligentes, que embora estejamos na nossa terra e podendo fugir, ficamos, não nos esquecemos daqueles que foram tão bons para nós durante tanto tempo. Se vocês quiserem ficar, é por vossa conta, já não os considero meus filhos.

—Disseram aquilo de brincadeira, não foi meus pequeninos?—Preguntou mãe macaca tentando harmonizar as coisas.—«Vem connosco, não é verdade?»

Os dois macaquinhos nada responderam e saltando aqui e ali afastaram-se.

Mãe macaca chorava lamentando-se:

—Os meus queridos filhos deixaram-me, oh como sou infeliz!

—Mãezinha, estou eu aqui.

—O quê? Mas antes fosses tu que desaparecesses.

Bassu sentiu um grande calor subir-lhe ao focinho e fez um grande esforço para reprimir as lagrimas.

—Porque é que a manha não gesta de mim? Por eu ser aleijado? Mas sou seu filho como os outros.

—Tens razão Bassu, desculpa, isto tudo pô-me fora de mim...

Mãe macaca estava arrependida de verdade, já recebera o castigo pela sua falta.

—Vamos para casa, o sol vai desaparecendo.

—Pai Sahi, não ouve, devem ser os manos, estão a gritar.

E os três correram guiando-se pelo S. O. S. dos três macaquinhos.

Deparam-se com um enorme leopardo fazendo todo o possível para os alcançar, e estava quasi conseguindo o seu intento quando mãe macaca caiu. Com a comoção de ver os dois filhos em perigo pôs uma pata em falso e foi parar ao meio do chão. O leopardo voltou-se rapidamente, os seus olhos verdes faiscavam e a sua cauda esguia andava num baloiço diabolico. Num salto enorme, galgou a distancia que o separava do solo. Sahi estava apavorado, a sua fiel companheira, a sua mulher ia morrer ás garras desse animal tão traçoiro; de repente Bassu saltou e vai cair mesmo em frente do leopardo raivoso que se vira para ele. Um som rouco ecoa por toda a floresta. Sahi, sabe, são os grandes animais pretos de plumas de avestruz na cabeça que andam á caça, e coisa espantosa, o leopardo arrebita as orelhas, mete o rabo entre as pernas e foge ligeiro.

Enfim, Bassu e mãe macaca estavam salvos; Sahi delira, era uma gratidão eterna por esses feios bichos pretos de focinho pintado.

Regressaram a casa dos seus donos, chegaram cansados, nervosos mas satisfeitos, houveram perigo, mas fora ele que reunira de novo toda a familia. Mãe macaca sente-se humilhada mas feliz. O filho que desdenhava, aquele por quem só sentia dó, fora o unico que arriscara a vida por ela. E mãe macaca pensou, muito acertadamente, que os fracos, os trocados, aqueles a quem ninguém ligava, pelo fisico, ou pela sua falta de fanfarronices e que portanto não dão nas vistas, são ás vezes os que na ocasião de perigo se mostram mais fortes, mais destemidos e mais valorosos.

Sahi, mãe macaca, Bassu, Castanho e Rirri dormem no topo da grande árvore, que se ergue altiva no meio daquele jardim, simpático e acolhedor. A lua, esse disco dum luminoso suave e doce, que tão belo é em Africa, espalha uma claridade prateada que na escuridão da noite dá um brilho estranho onde uma familia contente, dorme tranquila.

MARIA MADALENA DE PINA

DINHEIRO

Empresta-se sobre mercadorias, mobiliários, antiguidades, maquinas, roupas, cristais, joias, pratas e tudo quanto ofereça garantia.

Transacções rápidas—Avaliações nos domicílios—Discrição absoluta.

Rua Conde Redondo, 89-A
Telefone 45359—Seabra

Coisas do Barnabé

Que idade tem você, Barnabé?

—Tenho trinta e cinco. E você?

—Eu, quarenta. Sou mais velho.

—Agora é. Mas daqui a cinco anos, teremos ambos a mesma idade.

As abreviaturas não têm segredos para Barnabé.

Uma ocasião, estava lendo num jornal a descrição duma viagem.

O navio—dizia o jornal—foi sempre favorecido por vento de S. E.

Sem hesitar, Barnabé leu em voz alta:—O navio foi sempre favorecido por vento de Sua Excelencia.

Barnabé entra num restaurante, onde está tanta gente, que não encontra uma cadeira para se sentar.

—Isto é insuportável!—diz ele para o dono:—Se o seu restaurante continua a ter uma concorrência destas, acaba por não vir cá ninguém!

Numa loja de peles de luxo, como réclamo, está um urso embalsamado.

Barnabé, entra na loja com seu filho e diz para este:

—Não te chegues ao urso!

—Porquê, é perigoso?

—Já se vê que sim! A fera pode estar mal embalsamada.

—Esse cão é seu?—pregunta Barnabé, ao ver um amigo a passear um cachorro.

—Não senhor. É do boticário. E acredite que é muito mais inteligente que o dono.

—Isso, acredito. Ha animais assim. Eu já tive um, que era o mesmo.

Falavam do calor horrível que fazia. Barnabé afirmou, convicto:—Nos últimos três dias, o meu termómetro chegou a marcar noventa graus!

E como todos desatassem a rir, acrescentou:—Sim senhor; noventa graus, em três dias... isto é, trinta em cada um.

O criado de Barnabé foi marinho e conta a seu amo os transeos porque passou.

Termina, assim, a sua acidentada narrativa:—Em conclusão: só lhe posso dizer, que naufraguei dez vezes!

—Dez vezes!—exclama Barnabé, acoitido.—E não te afogaste em nenhuma?!

Num dia enevoado, alguém pergunta a Barnabé que nasceu na Guelga:

—Que diz a isto? Parece-lhe que vai chover?

—Se eu estivesse na minha terra, respondia-lhe, imediatamente.

—E aqui, porque não?

—Porque ainda não entendo as nuvens de Lisboa.

Barnabé repreende o filho, por uma má criação que este cometeu, numa casa, onde ambos tinham estado de visita.

—Parece-me que nunca me viste dar-te esses exemplos, quando eu tinha a tua idade!

—O que é verdade,—afirmava Barnabé—é que muitas vezes se elegiam cousas que nada tem de extraordinário e ha outras em que ninguém repara e são prodígios, cuja explicação não compreendo.

—Mas não sei a que prodígios o meu amigo se refere!

—Olhe, por exemplo. Diga-me: pois não acha incompreensível a maneira como os padeiros põem o miolo dentro da côdea do pão?!

LISBOA-SETUBAL

Os comboios permitem as mais estreitas relações entre as duas cidades

Partidas do Terreiro do Paço — 7,35; 8,00 (só ao domingo); 9,20; 11,05; 14,15; 16,35 (a); 17,30; 18,25 (só dias uteis); 19,10; 21,15 (a); 1,15 (só nas noites de domingo para segunda-feira)

Partidas de Praia-Sado (Setubal)—5,59 (b); 8,08; 9,25; 10,52 (só dias uteis); 12,50; 16,28; 17,49; 19,16; 22,00 (só ao domingo).

(a) Só até Setubal; (b) Só desde Setubal. SETUBAL VALE POR SI E PELOS SEUS ARREDORES

Esclarecimentos nas estações do percurso e no Serviço do Trafego da C. P.—Santa Apolonia—Telefone 2 4031.

ANIZ SIAM
O MELHOR

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrad. Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 2 6195

Dr. Armando Na. so—Medicina, Coração e pulmões—5 h.
 Dr. Bernardo Vilar—Cirurgia Geral. operações—5 h.
 Dr. Miguel de Magalhães—Rins e vias urinárias—12 às 2 h.
 Dr. Correia de Figueiredo—Pele e sífilis—5
 Dr. Loff—Doenças nervosas, electrotetrapla—2 h.
 Dr. Mario de Matos—Doenças dos olhos—2 h.
 Dr. Mendes Bello—Estomago, figado e intestinos, 3 h.
 Dr. Silva Nunes—Doenças das crianças—5 e 30.
 Dr. Casimiro Afonso—Doenças das senhoras. operações—2 h.
 Dr. Francisco Calheiros—Garganta nariz e ouvidos—4 h.
 Dr. A. Carvalho Dias—Nutrição e im-
 -muni- to—4 h.
 Dr. Armando Lima—Boca e dentes. protese—12 h.
 Dr. Al. Saldanha—Raio X—4 h.
 AMBULANCES CLINICAS

CARSON'S
 o melhor esmalte
 para interiores e exterior-
 res

Deposito em Lisboa
 R. dos Fanqueiros, 136 s/loja

Manuel Gonçalves, Lda.

MOBILIAS MODERNAS
 e
MOVEIS DESIRMANADOS
 novos e usados

Rua de S. Lazaro, 20-22 — Telefone 2 1430
 Proximo à Igreja do Socorro

NÃO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
 Repr. Victor Chaskelmann & C.
 Rua da Palma, 268—Lisboa

COMARCA DE LISBOA

Tribunal Judicial da 7.ª Vara

No dia 18 de Junho proximo, por 14 horas, na casa de arrecadações do Tribunal, sito no Torreão Oriental da Praça do Comercio, se há de proceder á almoeda por preço superior ao da avaliação, de diversos moveis e um aparelho de telefonia, como foi ordenado nos autos de acção sumaria (em execução) que Antonio Francisco Guerreiro move contra James Gray para pagamento da quantia de 6.304\$32 e mais despesas. Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para deduzirem os seus direitos.

Lisboa, 23 de Maio de 1938.

O Chefe da 1.ª Secção,

Daniel de Matos

Verifiquei: O Juiz de Direito,

Marcos Martins

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
 S. A. R. L.

Serviço combinado com os Caminhos de Ferro da Beira Alta, Companhia Nacional, Norte de Portugal, Vale do Vouga e Sociedade Estoril

Desde 1 de junho de 1938 estão á venda, nas estações desta Companhia e nas das Empresas combinadas, bilhetes de ida e volta do serviço de praias de banhos e estanoias de aguas para o novo destino de BRAGANÇA, da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro.

Os partícipes da referida Companhia são os seguintes:

1.ª classe, adultos, 66\$90; crianças, 33\$45.
 2.ª classe, adultos, 46\$85; crianças, 23\$45. 3.ª classe, adultos, 30\$55; crianças, 15\$30.

Estes preços estão cativos do adicional de 10 0/0. A estes bilhetes são applicaveis as condições do 2.º Complemento á Tarifa Especial n.º 22 de G. V.

Lisboa, 20 de Maio de 1938.

O Director Geral da Companhia
 A. de Lima Henriques



DEUTSCHE AFRIKA-LINIEN

C.ª Alemãs de Navegação para Africa

PROXIMAS SAIDAS

África Ocidental	África Oriental	Norte da Europa
Tenerife, Las Palmas, Monróvia, Bata, Benito, Kogo, Libreville, Port Gentil, Pointe Noire, Boma e Matadi:	Tanger, Argel, Villefranche, Génova, Port Said, Suez, Port Sudan, Aden, Mombaca, Tanga, Zanzibar, Daressalam, Porto Amella, Mocambique, Beira, Lourenço Marques, Durban, Porto Elisabeth, Capetown, Luderitzbucht e Walvischbay:	Southampton, Anvers ou Rotterdam, e Hamburgo:
"WAGOGO", em 27 de Maio.	"UBENA", em 9 de Junho	"WANGONI", em 24 de Junho.
"LIVADIA", em 28 de Junho.	"NJASSA", em 21 de Junho.	"TANGANJICA", em 15 de Julho.
UM VAPOR em 5 de Agosto.	"WANGONI", em 21 de Julho.	"ADOLPH WOERMANN", em 28 de Julho.
	* Para estes portos só recebem passageiros.	

AGENTES GERAIS:

Sociedade Insulana de Transportes Maritimos, L.ª

Praça Duque da Terceira, 20

Telefones 2 9725-2 9726

Leia o

fixe

Percorrendo-a entre flores aprende-
 rá a estimar as belezas da nossa terra
 Bilhetes de fim de semana, excursões indivi-
 duais e em grupo com itinerario á escolha do
 passageiro. Comboios especiais. Informações no
 Serviço do Trafego da C. P.—Santa Apolonia.
 Telef. 2 4031.

CAPRISTANO & FERREIRA, L.ª
BOMBARRAL

Horarios das carreiras de auto-carros

Lisboa-Caldas da Rainha-Leiria	7,00 — 12,30 — 16,30
Lisboa-Bombarral-Peniche	7,30 — 14,30 — 17,30
Lisboa-Nazaré-Alcobaça	8,30 — 14,30 — 19,45
Lisboa-Nazaré	17,30
Lisboa-Lourinhã-Bombarral	18,30
Nazaré-Lisboa	6,30
Peniche-Bombarral-Lisboa	6,55 — 8,10 — 10,50
	14,35 — 15,20
Leiria-Caldas da Rainha-Lisboa	7,50 — 15,00 — 19,00
Alcobaça-Nazaré-Lisboa	7,35 — 10,05 — 14,35
Bombarral-Lourinhã-Lisboa	7,50
Peniche-Torres Vedras-Lisboa	8,45 — 16,00
Peniche-Caldas da Rainha-Santarem	8,10 — 10,50 — 15,20
Peniche-Caldas da Rainha	6,55 — 19,50
Caldas da Rainha-Peniche	9,25 — 21,55
Torres Vedras-Peniche	11,20 — 19,50
Santarem-Caldas da Rainha-Peniche	9,15 — 13,50 — 18,00
Santarem-Rio Maior-Nazaré	8,40 — 19,30
Nazaré-Rio Maior-Santarem	7,20 — 15,45
Rio Maior-Santarem	6,50
Santarem-Rio Maior	21,00
Leiria-Caldas da Rainha-Azambuja	8,55 — 15,55
Azambuja-Caldas da Rainha-Leiria	7,45 — 20,05

Partidas de Lisboa para o Porto 7.00 Partidas do Porto para Lisboa 7.40
FILIAL EM LISBOA — Largo de S. Domingos, 11-A — Telefone 2 1003

MOSAICOS

Azulejos

GOARMON & C.ª

T. Corpo Santo, 17 e 21

Lisboa—Telef. 2 1059

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta

Esta Companhia tem para vender na sua estação de Mangualde cerca de 170 barris vasilos, servidos a creosote.

Recebe propostas até ao dia 4 de junho p. futuro, dirigidas á Direcção da Exploração em Figueira da Foz, e encerradas em dois envelopes, o segundo dos quais deve dizer: propostas para o concurso de barris.

As propostas devem indicar o preço oferecido por cada barril e para a totalidade, ficando a Companhia com o direito de adiar a venda se os preços oferecidos lhe não convierem.

Os preços devem entender-se sobre vagão em Mangualde.

Devem também as propostas mencionar a data até á qual são validas.

Os concorrentes, para que possam ser admitidos a este concurso, deverão depositar a quantia de Esc. 250\$00, importância a que perderão o direito se não aceitarem a adjudicação que de conformidade com a sua proposta lhe seja feita.

Este deposito poderá ser feito nos seguintes locais: Em Figueira da Foz, na Tesouraria da Companhia; em Lisboa, na Administração da Companhia, rua Vitor Cordon, n.º 1, e no Porto, no escritorio dos srs. Lobo & Freitas, Lda, rua do Infante D. Henrique, n.º 39.

Aquella importancia será restituída aos concorrentes a quem não fôr feita a adjudicação dos barris.

O adjudicatario entregará todo o valor da venda, logo que para isso seja avisado.

Figueira da Foz, 14 de maio de 1938.

O Engenheiro Director da Exploração,
 Fernando Arruda

Leiam o

fixe

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

S. A. R. L.

HORARIO DOS COMBOIOS

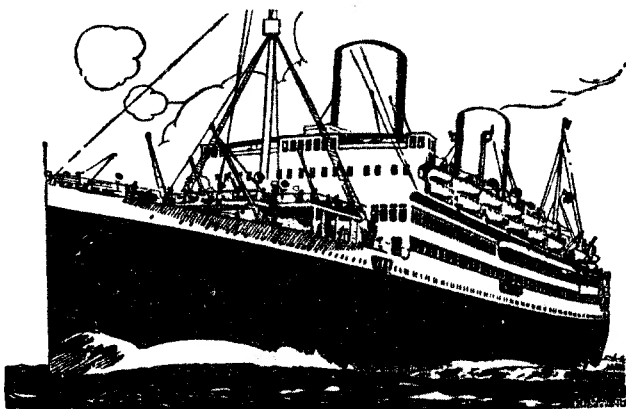
7.º aditamento ao cartaz-horario D. 250-7

Linhas do Minho e Douro

Considera-se sem efeito a indicação do cartaz-horario D. 250-7, segundo a qual os comboios n.ºs 651/681 e 674/652 deveriam começar a circular, respectivamente, em 1 e 2 do proximo mês de junho, entre Porto-Viana-Braga e vice-versa.

Lisboa, 23 de maio de 1938.

O Director Geral da Companhia
 A. de Lima Henriques



Mala Real Inglesa

(Royal Mail Lines, Limited)

Para RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES

ARLANZA (*) 31 de Maio
 ALCANTARA 14 de Junho

(*) Toca na Madeira, S. Vicente, Pernambuco e Bahia.

Para o NORTE

Para Cherbourg e Southampton

ALMANZORA 11 de Junho
 AGENTES PARA PASSAGENS E CARGA

James Rawes & C.º

Rua Bernardino Costa, 47, 1.º

Telefones: 2 3232—2 3233—2 3234

HIGHLAND MONARCH 7 de Junho
 HIGHLAND CHIEFTAIN 21 de Junho

Tocam em Las Palmas e Pernambuco.

Para Boulogne e Londres

HIGHLAND PRINCESS 12 de Junho
 AGENTES PARA PASSAGENS E CARGA

E. Pinto Basto & C.ª, L.ª

Avenida 24 de Julho, 1, 1.º

Telefones: 2 6001 (4 linhas)